Faz mal á cutis o mar ?

É o que muitas mulheres temem. Effectivamente, os banhos de mar, os banhos de sol, a vida de praia, podem ser grandes factores na conservação e recuperação da saude, mas, tambem, podem sel-o da completa ruina da cutis feminina si não são tomadas a tempo as devidas precauções.

A agua salgada, o ar marinho, os fortes raios de sol exercem uma notada influencia deploravel sobre a pelle, obscurecendo-a, queimando-a, endurecendo-a e resecando-a. Para evitar todos estes inconvenientes deve-se applicar á cutis, todas as noites, antes de deitar-se, uma ligeira camada de Cera Pura Mercolized, fazendo-se logo uma suave massagem. Desta modo obtem-se que a pelle conserve sua tenção natural e o encantador aspecto da primeira juventude.

Este notavel e efficacissimo processo de "mercolização" da pelle permitte a toda a dama, e a todo o homem tambem, o mais completo desfructe da vida de praia, sem que haja logar para qualquer preoccupação a respeito do estado em que, depois da estação, virá a ficar a cutis. Ha mais: a cutis, graças á acção regeneradora e vivificante da Cera Pura Mercolized ficará mais limpida, mais enrijecida mais formosa que antes.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

Em todo o Mundo, em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette.

As duas Máscaras

De José Echegaray

ERA um domingo de carnaval. Mas não dos anémicos de hoje, sim, dos plethoricos dos bons tempos.

Tudo era ruido e alegria, e movimento e febre. Risos fingidos de mascaras trocistas. Prantos fingidos de mascaras com lagrimas de papelão. Dominós ruins, occultando pessoas decentes; dominós luxuosos disfarçando gente ruim. Esqueletos repartindo bonbons e caramelos. Homens com saias e mulheres com calças, promiscuidade grotesca de sexos. Mascaras de todos os feitios. Fingimentos. Ha quem finja de anão, e quem finja de gigante. Andrajos. Luxo. O homem vestido de esteiras, talvez symbolismos carnavalescos de certas almas. E em baixo barro, e em cima nuvens de pó, que esperam uma quarta-feira de cinza. E lá nas alturas o céo azul, immensa mascara de resplendores, que cobre os negrumes do espaço infinito e mysterioso, como si quizesse tomar parte em não sei que carnaval apocalyptico.

Em torno dos vivos estão os mortos, quando não se acham no meio. Em torno da cidade bulhenta, em domingo de carnaval, estão os cemiterios, com sua calma suprema e sua frialdade jamais caldeada.

O campo santo é a eternidade com disfarce humano, um infinito que se afunda em covas e se recorta em lapides.

Mas até ao cemiterio havia chegado a agitação epileptica do carnaval. Os filhos do porteiro haviam usado mascaras, e, quando, ao anoitecer, se recolheram, deixaram esquecida uma junto a uma cova.

Chegou a noite. Noite clara e tranquilla, de luz suave e profundo silencio.

A mascara ficára direita, apoiada em uns torrões e como que observando o tumulo.

E da tumba sahia uma caveira, como si algum esqueleto se erguesse para lançar um olhar ao cemiterio.

Dir-se-ia que a mascara e a caveira se olhavam.

Pensavam alguma cousa? E quem o sabe? Por que não? Não ha de haver outro pensamento além do nosso?

Pois, si pensavam, assim pensava a caveira:

"Que é aquillo? Cara humana, parece: labios de tinta, rosas nas faces, sombras que imitam olhos, cabello em torno da fronte. Mas talvez não o seja. Ouvi dizer que é carnaval: talvez seja uma mascara.

"Será a vida, ou será uma imitação da vida?

"Será carne humana, que estremece com praser e com dôr, ou será papelão, que sobre um molde inerte tomou essa fôrma?

"Que é aquillo: a verdade ou a mentira? O que finge ser ou o que é? Uma realidade ou uma apparencia, e, atraz, o nada?"

E a mascara, olhando a caveira, poderia pensar, por sua vez:

"Que é aquillo? Bocca sem labios; dentes a descoberto e sem sorriso; ossos escuros, onde houve olhos crystallinos; craneo sem cabellos: parece uma caveira. Mas talvez não o seja. Estamos no carnaval: talvez seja como eu, uma mascara.

"Será a morte ou a imitação da morte?

"Será a verdade ou a mentira? O que finge não ser, mesmo sendo? E ainda sendo uma caveira, é uma realidade ou uma apparencia? A morte é outra mascara como eu, ou é o nada eterno?"

E assim se olhavam as duas, sem olhos. Dois buracos no osso, dois buracos no papelão.

Era o nada que se contemplava a si mesmo?

Era a troça, que troçava de si mesmo?

Era uma mascara que ia visitar outra mascara?

A noite foi avançando, e foi declinando o disco luminoso.

A mascara ficou ás escuras; em breve se confundiu com os torrões em que se apoiava.

O ultimo raio de lua brilhou breves momentos sobre o pellado craneo como sobre um espelho; depois, em sombras tambem.

E entre as sombras ficaram deante uma da outra a mascara da loucura e a mascara mysteriosa do eterno.

E começou o segundo dia de carnaval.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Directoria: 2-0377. — Administração: 2-4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltda. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

COLOMBINA

CARNAVAL. Seis horas da tarde. Pierrot caminha lentamente, com a cabeça baixa, pela rua movimentada. O vento agita, phantasticamente, as amplas mangas de seu traje, dando-lhe o aspecto de um estranho passaro que quizesse voar. Mas não ha perigo que elle fuja, para a lua, sua patria perdida. Continuará caminhando aqui em baixo. Tem muito o que fazer; Colombina o espera. Espera-o? Assim, pelo menos, está combinado... Mas Colombina é uma mulher tão original, que é capaz de ter sahido com outro. (Pierrot, que está apaixonado como todo o mundo sabe, attribue a Colombina uma originalidade que é o commum em todas as mulheres carnavalescas e na maioria das outras...) Si não a encontrasse áquella tarde, se enforcaria em um combustor da illuminação publica. Já o resolveu.

Um automovel, cheio de alegres mascaras, gritam:

— Enjoado!

Pierrot não ouve.

Uma regadora que passa junto do passeio lhe ensopa os calções brancos.

Pierrot não sente a agua. Tudo lhe é indifferente, menos Colombina. E, no entanto, elle é cada dia mais indifferente a Colombina. Esse pensamento o faria empallidecer em outro tempo. Agora é impossivel, pois o amor e a fome o tornaram tão branco, que não necessita de farinha nem alvaiade para fazer concorrencia ao mais estylizado Pierrot de vitrina. Tem tanta fome, que quando, á noite, conta suas penas de amor á lua, sua confidente natural, começa vendo nella o rosto de uma Irmã e acaba vendo uma embarcação no mar...

Agora o coração lhe baila no peito: ha luz na janella de Colombina.

Entra.

— Ah! E's tu?

— Não me esperavas, acaso?

— Sim... é claro que te esperava... Senta-te por ahi, emquanto acabo de vestir-me.

— Dá-me um beijo.

— Toma.

Colombina pousa levemente seus labios pintados nos pallidos labios de Pierrot, que ficaram avermelhados... de rouge. Depois, voltando-se ao espelho com uma aérea volta de valsa diz:

— Agora terei que pintar de novo a bocca... E depois dizes que não sou capaz de nenhum sacrificio por ti!

— Obrigado — respondeu Pierrot, emocionado.

E, para não interrompel-a, se extende na caminha ainda quente e perfumosa de Colombina, pensando que ella é a mulher mais abnegada e melhor do mundo, e que, si todas fossem como ella, a terra seria a casa central do céo. Embalado por sua imaginação, adormece como um menino a quem prometteram um brinquedo e sonha com elle.

Pierrot sonha que está em um restaurante de luxo com Colombina, sentada deante delle. Os pratos são esquisitos e têm nomes exóticos, que parecem poemas, e os vinhos são tão antigos, que alguns tem, ao lado da data, a abreviatura a. J. C. Todo o amor das novellas palpita nos olhos de sua companheira, e esse amor é para sempre seu, pois traz no bolso um compromisso de fidelidade eterna com a assignatura de sua amada. Tambem é seu aquelle luxuoso automovel que espera á porta, guardado por um anjo disfarçado em chauffeur, e cuja quinta roda é a roda da Fortuna. E, para que sua felicidade seja completa, para que não lhe falte nem o prazer da vingança, vê, a uma mesa proxima, seu inimigo natural, o odioso Arlequim, calvo e com ar de dispeptico, tomar um copo de leite, emquanto sua esposa, uma mulher bigoduda e com cara de poucos amigos, come como um regimento depois das manobras e reprehende seu marido em voz alta, expondo-o ao ridiculo das outras pessoas ali presentes.

Colombina entretanto, se esqueceu de que elle está ali, pois tem os seus cinco sentidos occupados

na importante tarefa de arranjar-se. O universo se concentrou no espelho que reflecte sua figura, quasi tão bella como Pierrot a vê em seu sonho. Ao passar o lápis pela fina linha de suas sobrancelhas, sua mão tem a segurança dos grandes pintores e seus olhos a expressão attenta de quem procura um erro em um problema arithmetico. Um ultimo movimento ás meias translúcidas que lhe cobrem as pernas nervosas é morbidas; um rapido gesto para apreciar a graça com que se agita a saia curta, e a obra está terminada. O tempo que se havia detido á margem do espelho, recomeçou sua marcha. Os ruidos da rua entram de novo pela janella, e Pierrot reapparece como um espectro leve e terno na vida de Colombina. Agora ella volta a elle, como o poeta que acaba de terminar um soneto nas nuvens e volta á terra em busca de um amigo a quem lêl-o.

— Pierrot!

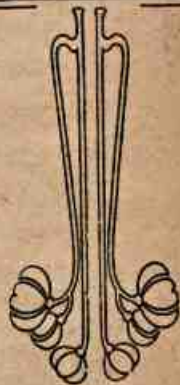
Pierrot não responde. Com as mãos descarnadas, em cruz, sobre o peito; as faces cavadas pela sombra dos barrotes da cama, parece um morto amortalhado em linho branco.

A esse pensamento, Colombina estremece.

— Pierrot!

Elle não se move. Sua respiração não se ouve.

— Sim, morreu — pensa Colombina. — Minha vida está destroçada. Só a elle amei e só a elle amarei. Choral-o-ei a vida inteira. Irei todas as tardes rezar e chorar sobre seu tumulo... E' claro que não porei rimmel, porque com rimmel não se póde chorar: ardem os olhos. E' uma pena, porque o rimmel me fica tão bem... Vendo-me passar com o ramo de violetas, dirão: "Essa joven tão bella é Colombina. Vae chorar por seu unico amor, que está enterrado naquelle cemiterio". Arlequim não se atreverá a falar-me, em respeito a minha dor. E' tão delicado Arlequim!... Um dia, talvez, quando houver passado muito, muito tempo, pelo menos dois mezes, nos encontraremos no tumulo do pobre Pierrot. Teria ido, como eu, levar-lhe flores.... para

de Conrado Nalé Roxlo

ver-me. Eu lhe agradecerei a attenção em nome de Pierrot. Estarei vestida de luto. Elle se offerecerá para trazer-me em seu automovel e eu é claro que acceitarei... em nome do morto... Depois...

Depois, viu Colombina, reflectidas na agua imprecisa de sua alma, scenas de amor, de um amor ennobrecido pela recordação de Pierrot, que punha uma vaga melancolia de lua de cançoneta italiana, que ficava muito bem a seus beijos e a seus sorrisos... Além disso, dá tanto prestigio a uma mulher um homem morrer de amor por ella...

Pierrot se mexe no leito. Cobre os olhos com os braços, boceja e continúa dormindo de cara para a parêde.

Colombina se sobresalta. Depois olha o adormecido, sorrindo desilludida, e diz de si para si:

— O bôbo desse Pierrot nunca será nada. Agora, que me havia decidido a consagrar-me a elle para sempre, resulta que está vivo. Não sabe aproveitar as occasiões.

Em baixo, sôa, por tres vezes, a buzina de um automovel. Colombina apparece á janella e diz, alegremente:

— E's tu, Arlequim? Suppuz que não vinhas. Já desço; estava mesmo te esperando.

O que nem todos sabem

A primeira novella que se publicou em fasciculos, para venda avulsa, foi "Robinson Crusoe".

*

A pulga que habita o corpo dos ratos, e que transmitte ao homem a peste bubonica, póde viver até três semanas desprendida da pelle do roedor.

*

Maurice Dekobra, o autor da "Madonne des sleepings" e de outros romances internacionaes de largo exito, obteve do Conselho de Estado, na França, autorização para usar, em documentos officiaes o seu nome de escriptor, em logar do seu verdadeiro nome, que é Maurice Texier.

Feita a necessaria modificação no registro civil, desapparece o nome de sua familia, passando o famoso romancista a assignar-se com todas as garantias da lei, com o seu pseudonymo.

Não é esse o primeiro caso em que um escriptor francez troca definitivamente o seu nome real pelo pseudonymo que o tornou celebre.

Francis de Croisset, o notavel comediographo, cujo nome de familia é Wiener, já havia legalizado o seu pseudonymo.

*

Accusam os bambuaaes de attrahirem muitas cobras. De facto, mas as cobras que [illegible] frequentam nesses logares [illegible] são, em geral, com as [illegible] cascadeiras, não venenosas. São estas cobras ligeiras de rabo fino que [illegible] a caça de ratos. A [illegible], em geral, nocturnas, preferem buracos, tocas na raiz das arvores e nas pedras: são vadias e não atacam sem ser molestadas.

*

O maior animal que se suppõe tenha existido sobre a superficie da terra, e do qual se encontraram restos nos terrenos antidiluvianos, é o chamado brontosaurio. Tinha cerca de vinte metros de comprimento.

*

Na China, absolutamente todos os parentes de um morto são obrigados a acompanhar o enterro. Até as mulheres. E como os diminutos pés das chinezas não lhes permittem caminhar muito, são ellas conduzidas por seus criados.

HORMINO LYRA

O immortal Ruy Barbosa, o mais illustre brasileiro do seu tempo, notabilissimo jurisconsulto, ministro da Fazenda do governo provisorio, classico da lingua vernacula, contempla nas proximidades do pavilhão das andorinhas de Campinas o bello espectaculo do pouso das pequeninas aves, quasi inedito para o excursionista.

Parecem aeroplanos minusculos navegando no espaço, fazendo evoluções.

São dezenas, são depois centenas a voar por sobre o pavilhão, e são finalmente milhares em redor a voar...

De quando em quando, aos bandos, chegam ellas e augmentam as nuvens de andorinhas que vagam no espaço. Parecem nymbos... Fende-os solitario corvo.

Brilha vesper. Quando se approxima o véo da noite, fundem-se todas as nuvens numa só nuvem; sobre do espaço o azul, cobre da terra a face. E a realizar alguns "renversements", aquella nuvem que cresceu vae desfazendo-se, e caem as andorinhas sobre o pouso como bolas rolando lá de cima...

Quer depois o illustre brasileiro apreciar o vôo matinal.

Quando a aurora esgarça o véu da noite, ás dezenas, ás centenas, aos milhares as andorinhas alçam o vôo; e de novo os aeroplanos minusculos, velozes, fazem evoluções.

Mais tarde, aos bandos, pouco a pouco se vão embora, sumindo-se bem longe; e das azas ao vento deixam sempre algumas pennas a bailaram.

Lá se vão, levando a alegria de viver, soltas plumas deixando; emquanto muita gente, soltando a alegria, sem fé no futuro, presas sustem apenas as duras penas [illegible]

*

Está elle apreciando o maravilhoso espectaculo, quando no seu chapéu cor de cinza descobre alguem pequenina bola branca e lhe chama a attenção.

Com muita calma tira o chapéu da cabeça, observa a dadiva inesperada e diz em seguida:

— Uma perola!

Impelle-a com um sopro, mas fica a macula que o não apoquenta como as pedradas dos inimigos politicos, e conclúe elle:

— E' a lembrança que me deixam as andorinhas campineiras! Consoante a sabedoria popular, cada um dá o que tem!

Aliás, sem maldade, é habito antigo das avezinhas obsequiarem algumas pessôas presentes ás suas travessuras com a dadiva que a ninguem causa delicias, e acerca daquella innocente extravagancia não deixaram passar incolume o grande Ruy.

Um Rompimento

Conto de GABRIEL MAURIÈRE

ERA uma casa de velhas solteironas. Os romancistas não estudam essas casas, porque reservam a sua attenção aos meteóros brilhantes do amor ou da gloria. Fallarei, no emtanto, do triste fim da estreita amizade que uniu essas almas quinquagenarias, magras, pernilongas e cuja habitação commum era junto do portico lateral de Saint-Salomon, em Pithiviers.

Uma, Aglaé, ensinava piano ás moças da cidade; a outra, Adelaide, letteratura no instituto Maveurat.

A associação de idéas n'essas velhas traduzia-se por gestos gemeos, vestidos iguaes, a mesma linguagem especial.

A primeira conversação entre as duas creaturas foi tão delicia de syllabas agudas e filadas, de aspirações tão suavemente sibilantes e distinctas, que se tornaram desde logo sympathicas uma á outra. Ao primeiro encontro trocaram excessivas gentilezas, e o odio commum ao cãozinho do vizinho fez o resto.

Frequentaram-se então; pouco a pouco viam-se com mais frequencia; pouco a pouco, tornaram-se inseparaveis, a tal ponto que Adelaide transportou, um a um, para o apartamento da amiga, o qual era maior que o seu, mil pequeninos objectos de sua propriedade. Começou pelos vasos de flôres, passou aos livros, acabou pela bateria de cozinha; e, assim como os seus gostos, a vida material dessas creaturas era commum.

Ambas então criticavam, com um rigor augmentado pela união mutua, o espectaculo do mundo, e ás vezes a mesma indignação as revoltava deante da estupidez humana. Compravam obstinadamente livros severos e desconfiavam dos que se correspondiam com essa especie de jornaes que baralham com arte as frivolidades da moda e os floreios de litteratura.

Ao contrario, as preoccupações culinarias eram, de commum accordo, relegadas ao ultimo plano: nem uma nem outra se preoccupava com semelhantes miserias.

Adelaide, dotada de solido appetite, devorava conservas e saladas, alimentos preparados á ultima hora que occupavam apenas um canto da cozinha e quasi nunca feitas por suas mãos. Aglaé baixava apenas o olhar sobre essas necessidades; vivia em extasis rapidos; mas repetidos, limitados por dois pontos de exclamação: Oh que perfume! Oh que musica!

Uma noite, desgraçadamente, Aglaé, depois d'uma indigestão de especiarias, franziu o sobr'olho e empallideceu de tal fórma, que Adelaide pensou n'uma subita invasão do genio musical de que sua companheira, em certos momentos, parecia presa.

Precipitou-se para observar as manifestações.

—Não, é a sua mortadella! Minhas entranhas estão revoltadas e eu soffro um martyrio.

Adelaide fez um gesto de hombros imperceptivel. Só isso! A cara de desprezo que não poude dissimular fez com que Aglaé se contivesse na sua dôr, a ponto de não mais se lamentar.

No emtanto era preciso ir ao encontro da verdade. Nos dias immediatos, o estomago da velha solteirona se recusava fortemente á digestão, funcção vulgar. Um medico consultado achou que lhe convinham mingáus; assados, nada de gordurosos e de sal.

Adelaide, ardente, sentiu no coração a maré cheia de sacrificio. Com admiravel virtude, renunciou á manteiga, ás especiarias e aos ensopados. Como bemfazejo tyranno, ella incumbiu-se da execução rigorosa das prescripções medicas e, a pretexto de uma preguiça, que disfarçava com boas palavras, impoz-se á si mesma no fazer uma cozinha e participando do regimen de Aglaé.

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

O Pequeno General

(Episodio da Revolução Franceza)

De LOUIS MADELIN

... No dia 13, pela manhã, a Convenção parecia estar mal collocada.

Barras foi chamado ao commando supremo: desse dia em deante, elle se chamará "o general Barras", mas era um mediocre estrategista.

Elle chamou então os officiaes jacobinos, desde alguns mezes na desgraça.

No meio desse estado maior "robespierrista" que, coisa paradoxal, se agrupava detraz do "vencedor" do 9 thermidor, distinguiu logo um velho conhecimento: era o pequeno official corso que, durante o sitio de Tulon, tinha, sob as ordens de Dugommier, organisado a *bateria dos homens sem medo* e auxiliado, mais que homem do mundo, Fréron e Barras a retomar á cidade aos inglezes e aos realistas.

Suspeito desde thermidor do robespierrismo impenitente, destituido, em 29 de fructidor precedente, por ter recusado o commando do Oeste, de uma brigada de infantaria, (elle era artilheiro até a alma) esse pequeno Buonaparte (era assim que se achava escripto o seu nome em todos os documentos) tinha, no emtanto, hesitado um pouco, em commandar esses "pouris".

Do mesmo modo, o tinham visto chegar, o rosto pallido, trazendo o seu uniforme de general de brigada, e com cara de p o u c o s amigos.

Faltava á Barras um artilheiro: sem dar ao corso o papel que os historiadores lhe attribuem, sobre uma "galijade" do *Memorial*, o convencional tomou-o como seu general desagradecido: elle commandaria as baterias que o "general Barras" organisasse.

A essas baterias, o que mais faltava eram canhões.

Quarenta peças estavam no campo dos Sablons, correndo risco de serem levadas pelos seccionaes, si ellas não fossem, quanto antes tomadas pela tropa.

Buonaparte, consultado, tinha designado, para a operação, o cavalleiro Murat, "um arrisca tudo", e um dos officiaes mais jacobinos do exercito.

Com um esquadrão do 21 de caçadores, Joaquim Murat correra até Sablons, onde encontrou uma columna de seccionaes. Fazendo-a recuar, apoderou-se dos canhões e, ás seis horas da manhã, regressava ás Tulherias. Nem o pequeno general, nem o soberbo cavalleiro, certamente, duvidavam dos canhões de Barras contra os realistas: cada um conquistou uma corôa.

Reforços, de toda parte, iam chegando para Barras, mas os canhões dos Sablons, sobretudo, permittiam transformar as Tulherias em uma fortaleza inexpugnavel.

Duas horas antes, tinha sido possivel a uma pequena tropa investir contra o Chateau. Mas chovia.

Quando "gente distincta" se propõe organisar uma insurreição, ella se porta como "gente distincta", que será capaz de se fazer matar, mas detesta a chuva.

Danican não havia feito um movimento na Ponte-Nova. Quando a chuva cerrou, elle conduziu o seu "exercito" contra as Tulherias. Dentro em pouco a rua Saint-Honoré estava cheia de seccionaes: fortemente installados em torno de Saint-Roch, elles faziam uma manobra, no sentido de envolverem o Chateau. Danican enviou parlamentares, que se deviam contentar de pedir o desarmamento dos terriveis soldados armados na vespera.

Esses parlamentares não foram attendidos; entretanto, a Assembléa se julgou forçada, uma vez que cada deputado recebeu um fusil e cartuchos.

De repente, ás quatro horas e meia, os deputados ouviram o fragor de violento canhoneio. Era Buonaparte que entrava na historia.

* * *

A luta se havia travado, provavelmente, com um tiro de fusil, disparado sobre os seccionaes, de uma das casas. Esses responderam com uma salva; os soldados, escrevia Creuze — Latouche, tinham saltado sobre as suas armas "como si estivessem numa orgia".

A dar credito ao *Memorial*, Buonaparte, decidiu o dia de luta, assestando os seus canhões sobre Saint-Roch.

Parece mesmo que esse foi um incidente importante; elle não o foi tanto quanto dizem os nossos manuaes; os relatorios apresentados á Convenção, não põem em destaque esse canhoneio: demais, parece difficil, dada a disposição

Gosta de Cinema?..

Leia SELECTA, a melhor e mais barata revista cinematographica. Além das mais recentes informações cinematographicas, enredos e critica de films, etc.

Prefere leitura amena?

Leia então o **Romance de Fon-Fon** que sae em fasciculos semanaes, todas as quartas-feiras.

QUEM FUMA?

TABACIL

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

ARAUJO PENNA & C.

Rua da Quitanda, 57 — Rio de Janeiro

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA ALFANDEGA, 172 - Rio de Janeiro - Tel. 3-3347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

Para o bébé

O MINGAU de Quaker Oats, inexcedivel na sua pureza, qualidade e propriedades alimenticias saudaveis, põe milhões de bébés no caminho de uma vida de robustez.

Tem quasi todos os elementos nutritivos necessarios. É rico em energia, promove a formação de ossos e musculos, auxilia o desenvolvimento dos dentes, cabellos, sangue e nervos. As suas vitaminas são essenciaes á saude, o seu volume de substancias fibrosas auxilia a digestão.

Quaker Oats tem um delicioso sabor de nozes. Os medicos em toda a parte aconselham-n'o para os bébés—para *toda a familia.* Tome-se todos os dias.

Quaker Oats

666

A civilização entre os barbaros

(ASPECTOS DA CONCHINCHINA)

de ROLAND DORGELES

— Vamos! Hupa!

E saltando, lestamente, da sua carruagem, o meu companheiro subiu em tres passadas a escada de madeira do chalet de sua propriedade.

Elle acabava de percorrer hectares de plantações. Tinha acompanhado, por um momento, o trabalho dos roceiros, que incendiavam um recanto de mattagal onde os bambús estalavam com um ruido de fuzilaria.

Detivera-se em casa de um dos feitores do serviço, um joven francez, que abrazava de febre. Parára na usina, olhando o serviço, tendo partido desde a madrugada.

Elle não voltava senão com o sol alto, quando o mormaço do meio dia estende os *coolies* anniquilados sobre o leito de palha.

Tendo ouvido o rumor do carro, um *boy* se precipitara e poz o graphophone em marcha: entramos saudados por uma aria de jazz. O meu hospedeiro me olhou com um sorriso:

— Isso vos causa admiração, heim? Já preveni um dos meus armonistas: toda vez que eu chegar, a orchestra deve começar. Tomo o meu cognac com soda ouvindo musica, almoço com musica, engulo o meu café com musica... Em seguida, faço meia hora de sesta, e atiro-me ao trabalho. Deste modo, não tenho tempo de reflectir. Comprehendes?

Sim, eu comprehendia, e eu o admirava.

* * *

Era elle um rapaz alto e solido, de coração e corpo. O plantador legendario dos romances de viagens-rosto brunido, bonet branco, camisa arregaçada, sobre os braços musculosos, *culotte* curta, deixando as rotulas núas, sapatos de caça e um facão pendente da cintura.

* * *

Nos dez mil hectares da concessão, não se conhece outro typo como elle. Só elle manda, só elle é o responsavel por tudo. Tres mil e duzentos *coollies*, setecentos mil arvores da borracha, uma usina e serviços de transporte — eis o que elle dirige.

E tudo isso a manter, a desenvolver, sem poder em caso algum, tomar conselho de alguem, entregue a si mesmo, a vinte e sete dias da França.

Os administradores, os accionistas, não querem saber senão dos dividendos. O resto pouco lhes interessa.

Ao menos saberão elles onde se encontram as plantações? Em qualquer parte, lá, na Conchinchina...

Os *coolies* desertam, arvores morrem, tempestade alagam os caminhos, as estradas sem fim, feitore caem de cama, *héveas*, sangradas cedo, se empobrecem.

— Por que a producção diminuiu durante o me ultimo? — telegrapham de Paris.

Então, trabalha-se mais. Activam-se as turmas d trabalhadores. "E' mister que cada *coolie* trate po dia quinhentas arvores!"

Augmenta-se o numero de *cuves*, constroe-se un novo seccador, não se abandonam mais os armazens onde se empilham os blocos de borracha bruta.

A' tarde, voltam todos do trabalho anniquilados.

Má hora... Sobre a mesa, um pequeno quadro d couro, ha a photo de uma mulher e de uma creança São os que ficaram na França.

E' bom contemplal-os. Isso lhe dá forças. Mas nã muito tempo. Basta um ligeiro olhar: o *cafard* cheg depressa.

Então, para que o chefe não pense, Nam toma ur disco, ao acaso, e dá voltas á manivella. E' a fest de toda as noites.

O exilado, com as mãos enfiadas nos bolsos, passei pela varanda, assobiando, uma aria de *blues*...

— Não, ha tempo para reflectir; vós comprehendei não?

E' preciso ter uma organisação de ferro, para sup portar essa vida; sobretudo a saude do espirito.

Os seus feitores, os seus auxiliares podem adoecer podem perder a coragem; elle não tem esse direito Quem o substituiria?

Elle não é só o chefe, é tambem o animador, o es timulo de toda aquella gente. E' a sua energia qu faz aquella machina trabalhar. E' a sua vontade d aço que mantem todos aquelles homens; é a sua con fiança, a sua alegria...

— O pequeno Untel está deitado? Bem. Vou-m embora...

E, no outro lado da plantação, está um colonia de vinte e cinco annos que delira na sua casa d madeira, os olhos fundos, a pelle amarella, rutilant de suor, sob o ventilador. Ou antes, elle não é ber um enfermo, mas o tedio o empolgou, a tristeza d estar tão longe, tão só, e de perder a sua mocidade separado de tudo quanto se ama.

Contra essa febre não ha quinino possivel.

— Então? Não vamos? E' preciso combater isso... Espera... Trago-te já o almoço...

Falam-lhe. Conversam sobre o futuro. O grapho phone gyra, repetindo estribilhos que se trauteiam Toma-se champagne.

— Bebamos á nossa saude! Ao teu proximo re gresso!

E o joven, reconfortado, vae reoccupar o seu posto no vasto bosque melancolico, de milhares de arvore alinhadas, onde cada uma, como uma mendiga, es tende a sua *cuvette* para onde escorre o liquido d borracha...

---

dos logares, que Buonaparte tivesse podido envolver Saint-Roch com a sua metralha.

Mas parece tambem que os recentes historiadores, no proposito de valorisar o gesto do imperador, tem exaggerado o episodio.

* * *

A Convenção triumphou moderadamente. Pouco confiante no seu direito, ella tinha mais medo dos seus alliados da vespera, os famosos "patriotas", do que dos realistas esmagados. Ella não queria que a repressão anti-seccional fosse o ponto de partida de uma reacção terrorista...

O PEQUENO GENERAL

(Continuação)

Um só homem, subitamente, emergia. Em 17, Barras, apresentando á Convenção os officiaes que em 14, de manhã, o tinham vindo ajudar, fizera acclamar os seus nomes; o bello Fréron, então muito antes das bôas graças da linda Paulette Buonaparte, entendeu de pôr em relevo aquelle que considerava o seu futuro cunhado: gabou o papel que "Buona-Parte" que havia, disse elle, "fulminado a hydra do realismo". Barras, que julgou encontrar nesse pequen general de attitudes modestas, ur homem, não contradisse o elogio

Elle fez ou deixou dar ao cors o titulo de 2º commandante d exercito do interior, do qual, elle guardava, provisoriamente, o com mando em chefe: mas dias depoi elle abdicava em favor do seu pr queno protegido.

Este tinha tomado o partido d grandes medidas militares e c bria a Convenção moribunda.

"Bonaparte é esse?" diziam t dos. Um pouco antes o canhão d Italia lhes ensinava quem er elle.

O TALISMAN...

ERA uma vez um casal, apenas meio feliz, porque a felicidade de um dos esposos era feita da desgraça do outro. Oscar havia sido dotado por alguma fada maligna (certamente esquecida de ser convidada para tomar parte no seu baptismo) de um genio insupportavel: autoritario e arengueiro, elle prosperava no commercio de tapetes da Asia Menor, mas, em vez de deixar, entrada a noite, autoridade e arenga, no seu escriptorio, levava-as, augmentadas, para casa, onde se manifestava sempre impertinente e tyrannico. Era um homemzinho de cabello preto, de tez pallida e voz fina, e aguda: atanazava os ouvidos da pobre Emilia — assim se chamava sua esposa — com continuados sarcasmos e constantes recriminações.

Emilia, ao contrario, era a doçura em pessoa: alta, gorda, forte e loira havia, ha tempo, casado com aquelle homem pequenino para obedecer á familia, que desejava estabelecel-a logo na vida matrimonial, e mesmo por que, extremamente boa, julgava, levada pelo seu excellente coração, modificar, mediante bons conselhos, aquella atrabiliaria creatura.

Occupavam um luxuoso appartamento no quarteirão dos Champes Elysios.

Emilia tinha seu auto, um rico collar de perolas, numerosos creados (menos pelo seu proprio prazer que para satisfazer a vaidade de Oscar), e, comtudo, lastimava-se:

—Ah! Daria, de coração, todo este conforto moderno e todas estas joias scintillantes por um marido pacifico e carinhoso! A paz, a harmonia conjugal é o mais precioso dos bens. Terei de viver sempre assim, sem nunca a conseguir?

Emquanto ella se lastimava, Oscar, que, no seu egoismo, não dava a menor attenção aos soffrimentos da esposa, comia bem e melhor bebia, não se sabendo como, em seu corpo magro e franzino, cabiam tantos pasteis e tantos copos de vinho.

Mas, a recommendação medica, viu-se obrigado a ir tomar "aguas". Conduziu Emilia para uma região quente, onde havia uma estação thermal, embora ella tivesse de fazer um tratamento de frescura nas montanhas. O casal installou-se num palacio, e logo foi ouvido (só para Oscar) o medico local. Emilia trouxera um guarda-roupa cuidadosamente arranjado e tratava, o melhor que podia, fazer honras a seu marido. Mas, o "veneno" de Oscar, sem duvida trabalhado pelas aguas, cada vez mais tornava-se violento e despotico.

— Com esse vestido dás a impressão de uma esponja mettida num *abat-jour*... Não quero que comas bolos, emquanto estou sob regimen. Dá-me teu logar, é melhor do que o meu... Tens se pre o nariz a luzir!... Oh! co essa mulher que vai passand esbelta e graciosa!

E, assim, coisas dessa natur a todo momento, de modo que pobre Emilia subia, sempre, p o seu quarto com o coração cheio, que se via obrigada a d apertar o collete. E, choraming do, em meio ao intenso cal dizia:

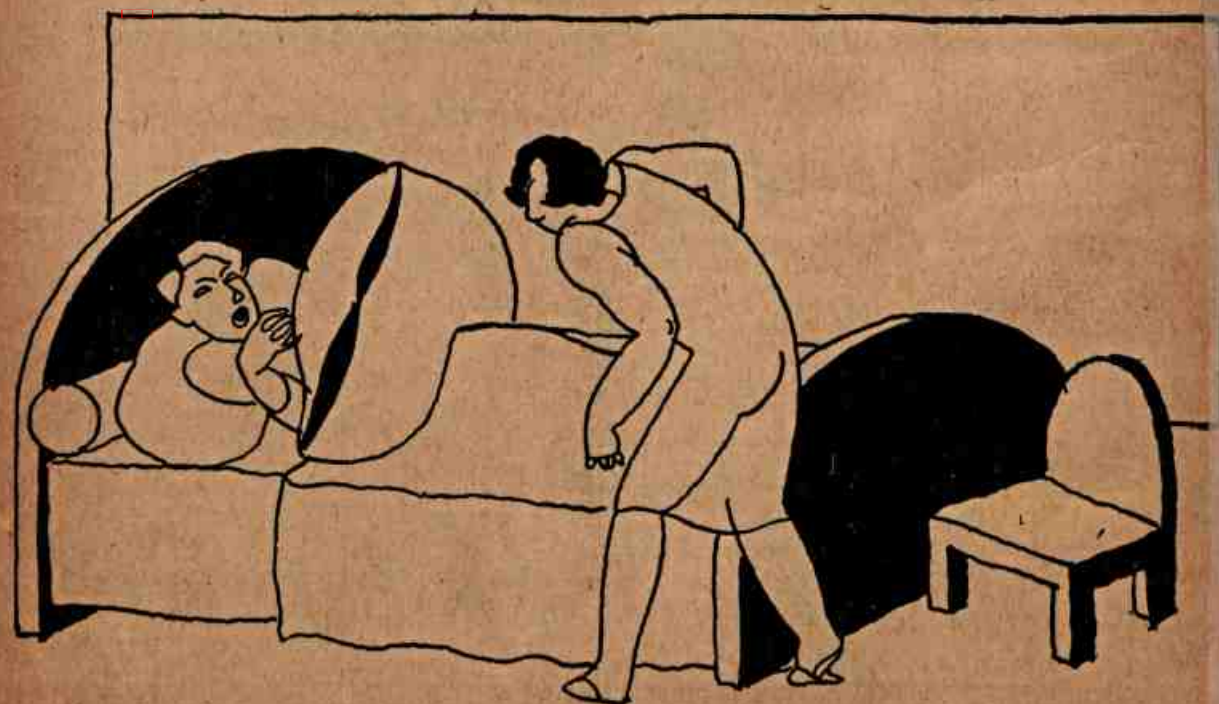
— Oh! meu Deus, por que n sou capaz de responder a meu n rido deante do modo irritante p que elle me trata? Isso não es porém, na minha indole! Terei soffrer semelhantes vexames e h milhações até o fim de min vida? Elle é muito máu — cruel — dando-me em publico co tantes motivos de divorcio!...

Ah! como me sinto infeliz — zia, olhando-se e vendo-se ao pelho, com seus olhos cheios lagrimas. Serei assim tão desp vida de graça, de attractivo? N encontrarei um meio de torn meu marido mais tratavel?

— Sim! — responde uma v bem proximo.

— Fallaram! — fez ella, an drontada, porque não havia ni guem no quarto.

E uma fada lhe appareceu, v tida de esplendente luz, uma g dissima e grande fada, que l sorria amavelmente:

— Minha filha — disse — sou fada Adiposa, protectora das cre

turas gordas e boas como tu. Commoveu-me tua afflicção. Mereces ser feliz e vaes sel-o de hoje em deante: trago-te o talisman.

— Ah! Senhora, como vos agradeço! Sem a vossa intervenção magica, breve eu teria de tentar contra a minha vida! Dae-me esse talisman!

— Inutil — replicou a fada. Esse talisman tu o trazes comtigo. A' primeira vez em que Oscar te fizer alguma das suas, lembra-te de mim e *olha para teus braços*: virte-á uma inspiração.

Dizendo isso, a fada desappareceu, tendo deixado no quarto um odor de oleo perfumado.

Era mais ou menos meia noite. Pouco depois, Oscar, de *smocking*, entrava, vindo do salão de jogo, onde perdera bom dinheiro. E sua acrimonia, aguçada, logo se fez sentir:

— Que ambiente este aqui! Cheira á toucinho! Ah! tudo se explica: tu estás ahi — disse, como se não tivesse notado ainda a presença de Emilia. E, de proposito, ia jogando sua roupa sobre o chapéo e o *manteau* da mulher.

— Peste de noite! Como é que conseguirei dormir com teus mal

DE HENRI FALK

ditos roncos? (E elle roncava mais do que ella) Vamos, levanta-te para que eu me sente e passa-me, meu pyjame de noite.

Elle estava em camisa, pequenino e pellado, e seus olhos lampejavam mais maldosamente do que nunca:

— Estás surda? Queres ou não despachar-te, grandissima tartaruga?

Então, Emilia seguiu o conselho sobrenatural: pensou na fada Adiposa, *olhou para seus braços* e gritou, de subito: "o talisman! Ah! Sim!... Eu o tenho!"

E sem dizer palavra, num impeto, agarrou Oscar pelo meio do corpo, curvou-o em duas partes, suspendeu-lhe a camisa e bateu-lhe a bom bater. O "monstrengo" começou a gritar, mas ella envolveu-lhe a cabeça com uma colcha. Depois de surral-o bem, o poz na cama e, silenciosamente, sorridente, estendeu-lhe o pyjama de noite, emquanto elle a fitava, pasmo, aturdido, batendo os dentes como um macaco apavorado.

...Nunca houve explicações entre elles. Depois daquella noite, Oscar começou a tratar Emilia com a maior gentileza. Se, ás vezes, lhe acontece esquecer, ella limita-se a contemplál-o, coçando os musculos dos braços, e elle se torna logo solicito e amavel.

Com muito tacto e discreção ella nunca revelou a quem quer que fosse o segredo dessa metamorphose, que surprehendeu a todo mundo. A uma amiga, um tanto franzina, que se queixava das maldades de seu esposo, e que lhe perguntou como corrigira o seu, limitou-se a responder:

— Graças a um talisman, minha querida.

— Oh! dize-me qual foi!

— Impossivel, agora. Mas faze bastante exercicio physico ou trata de pesar 80 kilos... E, depois, de mulher a mulher, voltaremos a fallar sobre o assumpto...

ILLUSTRAÇÕES DE MARCELO ROBERTO

O disfarce que pouco se usa

de Carlos Quincey

A mulher de Mauricio Roletflay era o que se podia chamar uma mulher bonita. Alta, esbelta, com os cabellos loiros, a pelle rosada e os olhos de um verde pallido interessante, reunia todos os encantos que prestigiam uma mulher que não completou ainda os vinte e cinco annos. Talvez por isso, talvez pelos trezentos e cincoenta mil francos que, em seu testamento, lhe deixou uma tia que pereceu na catastrophe do *Titanic*, Mauricio Roletflay, joven engenheiro empregado em uma fabrica proxima a Paris, não vacillou em se casar com ella.

Não serei eu quem diga que os esposos Roletflay não foram felizes em seu casamento. Realmente, tinham tudo o que póde ambicionar a pessoa mais exigente: amor, juventude, dinheiro, saúde, um automovel de quarenta cavallos, e uma cachorrinha muito engraçadinha chamada *Ludmila*. Sua casa era uma das mais commodas e confortaveis de Paris, e suas amizades sympathicas e numerosas.

Que importancia tem, pois, ao lado de todas essas cousas amaveis, a pequena puerilidade de que a senhora Roletflay gastasse umas centenas de francos mais do que a conta nas prfumarias mais distinctas e acreditadas do Paris elegante?

A mulher de Mauricio poderia prescindir com certa resignação de sua agradavel vivenda, de seus abrigos de *vigon*, de seus sapatos de duzentos e cincoenta francos e até, fazendo um esforço muito grande, poderia prescindir de sua cachorrinha. Mas, do que nunca prescindiria era de todos aquelles lapis de differentes côres que se alinhavam em sua penteadeira.

Havia-os, alli, de todos os tamanhos e de todas as côres: o encarnado vivo para os labios, o carmim para as faces, o negro para as pestanas e o azul para as olheiras. Tambem não faltavam o negro fumo para os signaes, o *koal* para os olhos nem o iodo para dar uma côr tostada á pelle. A mulher de Mauricio usava as pinturas desde os nove annos, e nunca poderia mais prescindir dellas.

Por isso, quando chegou o carnaval, resolveu se disfarçar com uma phantasia tão original e pouco commum como aquella que lhe occorreu e com a qual seu marido não lhe reconheceria.

Effectivamente. Quando, no domingo de carnaval, Mauricio regressou a sua casa para almoçar, lhe abriu a porta uma mulher desconhecida.

O engenheiro olhou-a de alto a baixo e não poude atinar quem era. Assaltou-o por um momento a idéa de que sua mulher houvesse contractado mais uma empregada. Mas só com o olhar que lançou á desconhecida, comprehendeu, por seu aspecto, que não se tratava de criada alguma.

A mulher ficou olhando-o, e, com essa voz de falsete tão usada por toda especie de mascarados, lhe disse:

— Não me conhece? não?

— Senhora... — disse Mauricio.

Então a mulher desconhecida se approximou delle, lhe deu dois beijos nas faces e se poz a rir ás gargalhadas.

— Então não conheces tua mulher?! — exclamou.

Foi quando o engenheiro comprehendeu que aquella mulher desconhecida era sua legitima esposa e que, para que elle não a conhecesse, não teve necessidade de pôr mascara alguma. Bastou-lhe cousa mais simples: passar no rosto uma toalha molhada em agua quente e esfregal-a cinco ou seis vezes...

Inaugurou-se em Copacabana, no ultimo sabbado, a «Confeitaria e Sorveteria Copacabana», da firma Guimarães, Faria & Cia., da qual fazem parte os srs. Olindino Guimarães, Antonio Ferreira Faria e Carlos Ramôa. E' um novo estabelecimento elegante que surge no aristocratico bairro, para servir a população «raffinée» daquelle trecho da cidade. As installações da «Confeitaria e Sorveteria Copacabana», que fica á rua Copacabana, 572, foram executadas pela conhecida «Marcenaria e Carpintaria Modelo», do sr. Salvador Storino (rua Senador Pompeu, 132-134), o que constitue uma recommendação para a nova casa, cujo aspecto deslumbra, pelo bom gosto e pelo luxo. A ceremonia inaugural da «Confeitaria e Sorveteria Copacabana» resultou num acontecimento que teve grande repercussão nos circulos mundanos de Copacabana.

A colera da senhora Toularet...

De PIERRE VALDAGNE

Em Mesnil-les-Fontaines, no Sarthe, a propriedade do sr. Eduardo Toularet confina com a do sr. Julio Audiban.

Eduardo Toularet é caixeiro viajante de uma importante casa de sabões finos e de sete em sete dias elle faz uma ausencia de cinco. Julio Audiban, ao contrario: não abandona seu "canto", entregue aos cuidados da sua criação de coelhos.

Ambos são casados, mas os dois "ménages" não se frequentam.

Uma manhã, a senhora Toularet observou que seu visinho fazia abrir uma valla margeando o seu terreno. Informou-se e soube que o sr. Julio Audiban ia mandar erguer ali novas "casas" para os seus roedores. Podia fazel-o: era senhor do seu nariz. Mas, Clotilde Toularet notou tambem que o sr. Julio Audiban entrara cerca de 60 centimetros em seu proprio terreno. Gorducha, redondinha, viva e de resoluções promptas não tergiversou em agir: e encarregou o pedreiro de intimar, com urgencia, o sr. Audiban a recuar sua construcção. O criador de coelhos respondeu que os alicerces não estavam sendo feitos nos terrenos da propriedade Toularet e sim nos seus e que não interromperia o seu serviço, que seria executado conforme elle determinara.

Eduardo Toularet á noite mesma regressava de sua excursão. Sua mulher, indignada, o poz, immediatamente, a par de tudo. Mas, Toularet, em vez de indignar-se, limitou-se a fazer um gesto displicente de hombros.

— Ora! naturalmente que não iremos arranjar um questão por causa de 60 centimetros de terra que não serve para coisa alguma!

— Perdão! Os alicerces já estão cavados numa extensão de 18 metros. Não me deixarei roubar!

— Escuta, minha querida Clotilde: tenho horror a essas questões entre visinhos. Ando muito accupado; chego do Limousin e logo depois de amanhã, terei de partir para a Normandia. Aqui quero apenas tranquillidade. Arranja-te, pois, com Audiban, que eu não posso, não quero e não tenho tempo para metter-me nisso!

— Advinho, sei bem porque é! — replicou Clotilde com sua voz aguda.

— Por que não me dirás? — respondeu, vivamente, Eduardo, sem no emtanto, a fitar.

— E' que tu queres ser agradavel a esses Audiban!

— Com que intuito, se não os conheço, se não os frequento?

— Não conheces Audiban, mas talvez conheças melhor sua mulher!

— Que historia é essa, que estás a inventar?

— Estimaria bem que estivesse a inventar. Emfim disse, entre dentes — não te peço mais para me ajudar a defender os meus direitos. Sei onde te dóe o callo. Quanto a meus negocios saberei resolvel-os só, só, ouviste?!

* * *

Quando uma mulher tem por marido, como Clotilde, um rapagão de 45 annos, bonitão, sympathico, insinuante e palavroso, (a loquacidade dos caixeiros-viajantes é um facto); quando esse marido vive a correr as estradas, gozando de uma independencia absoluta, essa mulher não pode mostrar-se muito tranquilla quanto á fidelidade masculina. E Clo-

tilde, assim comprehendendo, fechava, no emtanto os olhos a umas tantas coisitas.

Mas, quando varias cartas anonymas vieram assegurar-lhe que o guapo Eduardo achava meio de encontrar-se, todos as semanas, com a bella senhora Audiban num dos hoteis de Mans; quando, depois de uma discreta investigação, não poude mais pôr em duvida a traição do marido, Clotilde to-

A COLERA DA SENHORA TOULARET...

(Continuação)

mou-se de odio contra sua hypocrita visinha e jurou vingar-se na primeira occasião.

No emtanto, cheia de prudencia, não precipitava os acontecimentos. Queria surprehender os culpados em flagrante.

Por hoje, já havia dito demais. Não se pudera conter.

E era verdade! Eduardo Toularet e Cecilia Audiban encontravam-se todas as semanas em Mans, onde aquella sempre ia, sob o pretexto de "ondular" seus cabellos. Era bonita e *coquette* e aborrecia-se fortemente em casa, com os coelhos de seu "troço" de marido! Eduardo, nas suas excursões, na ida e na volta, tinha o prazer daquelle delicioso "rendez-vous". O culpado commercio dessa pouca vergonha, impedia-lhes, porem, de, em Mesnil-les-Fontaines, se conhecerem e frequentarem como visinhos. Somente assim, evitariam despetrar as suspeitas — Cecilia, de seu marido, e Eduardo de sua mulher.

No que dizia respeito a esta ultima, poram, os calculos dos dois amantes falharam, como já vimos. Ella sabia de tudo, ou de quasi tudo. E isso nos faz comprehender a acrimonia de Clotilde Toularet e a repugnancia de Eduardo em romper hostilidades contra um visinho com quem elle desejava entrar em relações amigaveis e cordiaes.

Depois, nessa tola questão dos 60 centimetros, teria razão sua mulher? Elle duvidava e persistiu em não se envolver na querella. Clotilde que faça como bem entender!

O em que elle esteve de accordo foi que se chamasse um demarcador de terras, e este, segundo o levantamento que fez, provou que Audiban não entrava só, nos 60 centimetros, e sim num metro de seu terreno!

Scientificado do resultado, chamou novo demarcador, e este declarou que a construcção do visinho não só não estava no seu terreno como delle estava affastada cerca de 50 centimetros.

Emfim, o caso foi ter ás mãos do juiz de paz que, para melhor resolvel-o, nomeou um terceiro perito. Tudo isso, poram, exigia tempo. Ora, aconteceu que Clotilde, por varias vezes, cruzou, na estrada, com o antipathico Audiban. Haviam se tornado inimigos rancorosos e trocavam olhares chispantes de odio, emquanto esperavam que o juiz solucionasse a questão. E, coisa curiosa: Clotilde quasi esquecia a mulher culpada, para concentrar sua co-

lera no marido ridiculo, no cabeçudo adversario, no criador de coelhos que pretendia invandir-lhe a terra. Tinha vontade de esganal-o. Achava-o feio, cretino, com seus olhares fugidios, com seus gestos de bobalhão.

Entregava-se de todo ao seu processo. Eduardo podia sahir, á vontade, para as suas excursões commerciaes e amorosas; Cecilia, tambem, ir á Mans, ondular-se; nada disso, no momento, tinha o menor interesse para a irascivel senhora Toularet, que só pensava em liquidar o homem dos coelhos. E já parecia ver o pedreiro a demolir a famosa parede, que o juiz de paz, certamente, condemnaria.

Effectuou-se a audiencia suprema. Conheceu-se a sentença: a senhora Toularet perdia sua questão.

* * *

Os litigantes sahem do juizo. Os logares-tenentes de Clotilde (seu perito e seu encarregado de

A COLERA DA SENHORA TOULARET...

(Conclusão)

negocios) acompanham-na. O outro bando compõe-se de peritos e do homem de negocios de Audiban, cuja physionomia triumphante exaspera Clotilde. E, como ao passar junto della, Audiban pronunciasse, a sorrir, esta phrase:

— "Eis o que acontece, madame, a quem quer fazer de tolo os demais".

— Clotilde explode.

A apontar Audiban com o dedo, diante da multidão agglomerada, grita:

— Ora! Mas olhem, olhem para a cabeça desse... Não, não vale a pena dizer o que elle é!...

Junto della, cheio de solicitude, está seu marido. Que importa tenha sido Eduardo o causador da desgraça daquelle fantoche? O essencial é que elle seja mesmo o que ella não quiz dizer, limitando-se a dar a entender, o que meio mundo já o sabia, menos elle — o cretino! E elle o é e Eduardo não teve o menor constrangimento em reduzil-o áquella triste situação. Acabou achando aquillo tão engraçado, tão divertido que já era a rir que repetia o insulto.

Logo mais, quando Toularet descer do carro, ella dir-lhe-á:

— Apezar de tudo, tiveste bastante razão. Agora, como acabei de vêl-o, com seu ventre roliço e saliente, e o peito a se metter para dentro, é que comprehendo a situação da mulher delle.

E acho que tambem ella — coitada — tinha razão...

A CIDADE ASSEIADA

DE ASTAROTH

Nós brasileiros temos o gabo de affirmar que a nossa capital, além de ser uma das cidades mais bellas do mundo, situada á beira de uma das mais maravilhosas bahias que existem, é, tambem, uma das mais bem illuminadas e asseiadas.

Não ha nessas affirmações grandes exaggeros nem grandes dóses de bairrismo.

Ha innumeras cidades-capitaes da Europa e mesmo das Americas que não poderão ser comparadas á do Rio de Janeiro sem que soffram com a analyse.

Indiscutivelmente, o Rio é uma cidade bem illuminada no centro commercial e nas Avenidas onde tambem a limpeza é digna de nota.

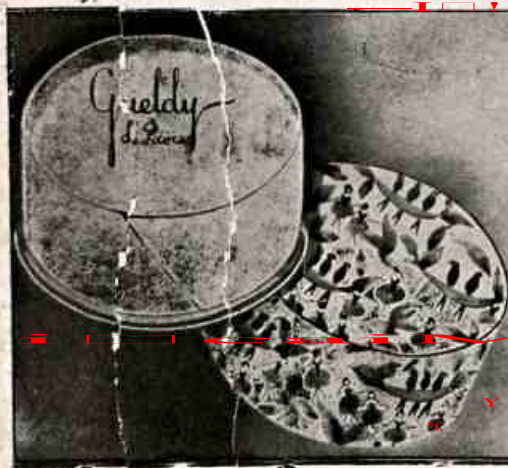
Ha mesmo uma certa *orgia de luz*, principalmente nas avenidas do littoral, creio que para formar essa grinalda de fócos a que uma francezinha amavel chamou "le collier de pérles au cou de la Guanabara"; mas, avançando-se para os arredores e para os suburbios, essa illuminação féerica passa a ser uma illuminação normal e pouco depois poderá, — nos suburbios — chamar-se parca illuminação.

O asseio da nossa "urbs" é, tambem, bem appreciavel e a preoccupação de limpar as ruas faz com que não haja horas para esse serviço, porque, a todo o momento, encontramos varredores da Limpeza Publica no afan de limpar ruas e passeios repletos de transeuntes.

Paris é uma cidade limpa, Hamburgo excede-a em asseio, e, para não sahirmos da America do Sul, citemos Buenos Aires e Montevidéo.

A limpeza dessas cidades é feita ordinariamente á noite, pela madrugada, e não penso que seja facil encontrar nellas o varredor fazendo o seu serviço durante as horas de grande movimento.

Entretanto, essas cidades são limpas e se mantêm assim durante todo o dia.

Reparemos, porém, que a nossa repartição de Limpeza publica é obrigada a desdobrar os seus serviços, deixando mesmo os suburbios e arrabaldes para o ultimo plano, isso devido tão somente ao máo habito do povo, arraigado aos velhos costumes da antiga e immunda tapéra que era o Rio de Janeiro em 1904.

Quem viu o Rio de Janeiro antes da obra saneadora e aformoseadora de Oswaldo Cruz e Pereira Passos, verifica que, ao passo que a cidade evoluiu e progrediu, em um surto vertiginoso, a educação do povo vae evoluindo lenta, vagarosamente.

O nosso serviço de policia, que é apenas repressivo e não cuida dos costumes, não auxilia a educação das massas e, portanto, essa educação é morosa, preguiçosa, incapaz de seguir a evolução vertiginosa da cidade.

Fica assim a cidade na mão do povo, tal qual um argolião de ouro com um brilhante, no dedo de um cavouqueiro.

Em uma capital como a nossa, o serviço de limpeza tem que ser ininterrupto, continuo, porque, se o não fôr, o lixo tomará conta da cidade.

Nas outras capitaes, a limpeza mantem-se porque o povo é educado, ordeiro.

Ninguem é capaz de jogar á rua papeis velhos ou servidos, caixas de phosphoros vazias, detrictos e quaesquer objectos; todos se dirigem ás caixas collectoras existentes nas ruas e alli depositam esses detrictos.

Aqui foram postas em diversas ruas essas caixas collectoras, mas, ninguem fez caso dellas; houvesse, porém, um serviço de vigilancia e uma lei de multas aos contraventores, como ha nas cidades adeantadas do mundo, e não seria necessario á Limpeza Publica fazer continuo o serviço de asseio da cidade.

E' assim que se faz a educação do povo.

Quando foram inaugurados os jardins publicos abertos, todo o mundo achou que elles seriam destruidos em pouco tempo; o desmentido ahi está.

Quando a policia iniciou o serviço de "mão e contra mão" para os pedestres, na Avenida e nas ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, houve muita gente que achou aquillo uma tolice policial; hoje, a não ser as pessôas de má educação, ninguem transita "contra a mão" nessas e em muitas outras ruas.

Se a policia iniciar uma campanha contra os individuos que jogam papeis e detrictos nas vias publicas, em pouco tempo elles perderão esse habito atrazado e a cidade passará a se conservar limpa durante todo o dia.

Essa campanha seria extensiva aos malcreados que põem os pés nos assentos e nos encostos dos bancos dos vehiculos que cóspem nos soalhos dos bondes, que riscam as paredes dos predios e os bancos das praças publicas.

Isso seria facilmente obtido com poucos mezes de vigilancia policial, como foi obtido nas outras cidades do mundo onde o povo não é melhor do que o nosso.

Dizer-se que um povo é menos educado do que outro é o mesmo que se dizer que este é melhor policiado que aquelle.

E' tudo questão de policia e mais nada.

Contaram-me que, em uma cidade da Russia, um chefe de policia obteve, com simples cartazes, a observancia dos pedestres aos signaes de transito.

Nos cruzamentos das ruas, havia cartazes que diziam:

"Sómente têm direito a avançar o signal fechado as pessoas mal educadas."

E' inutil dizer que ninguem quiz passar recibo publico em semelhante "diploma".

Assim, os nossos jardins abertos floresceram debaixo de um cartaz pacifico e eloquente:

"Este jardim está confiado á guarda do povo".

E' preciso que esse povo, que guardou com carinho e respeito as flores dos jardins publicos, seja convidado a zelar pela conservação da limpeza da nossa cidade.

Estou certo de que elle — o nosso povo — ha de mostrar que sabe obedecer e que é digno de viver numa das capitaes mais [illegible] o mais limpas do mundo.

30-7=?
Faça a conta!
São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.
Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.
Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.
KOHOUT.
A SAUDE DA MULHER
Joaquim Raganiel
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 9

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 1 de Março de 1930

O carnaval está ahi, florindo de guizos a sarabanda da rua. Chegou sua magestade o rei da folia. O mesmo de sempre: brincalhão e ironico, levando na troça os insultos que recebe. Rindo de tudo. Gargalhando. Nada levando a sério.

* * *

Momo veiu de longe. Veiu de um paiz onde não ha carnaval e onde não se póde usar máscara. Veiu de um paiz onde todo o mundo é sério, porque ninguem tem o direito de disfarçar, ao menos uma vez por anno, a melancolia instinctiva do homem.

Mas trouxe tudo o que constitúe o arsenal carnavalesco da sua alegria: mascaras, fingimentos, guizos, *travestis* e o phantasma insidioso da mentira. Trouxe, tambem, os espasmos da sua loucura ephemera. E Colombinas, e Pierrots, e Arlequins, e Ciganas... Todas as figuras symbolicas da folia.

* * *

As ruas estão vibrando nas contorsões nevroticas que mudam a sua physionomia. Aqui no meu bairro, sempre tão silencioso e tão calmo, ha o mesmo barulho que empolga a cidade inteira. O delirio é contagioso.

* * *

Eu não gosto do carnaval. Entretanto, quando o carnaval chega, sinto que a minha austeridade periga deante desses guizos que eu ouço na algazarra da tarde allucinante... Sinto que não posso atravessar este oceano de gente alegre sem a máscara risonha que a hypocrisia me indica. E enfio-a no rosto. E cáio na farandola dos que se divertem. E faço como elles: sem poder enganar a mim proprio, engano aos outros. Tudo por Momo, que é uma entidade que sabe impôr o seu prestigio de folião-chefe.

* * *

Vou pelas ruas com o meu disfarce de Arlequim. Rindo com os outros Arlequins que encontro. Dirigindo galanteios ás Colombinas que me provocam. Supportando, serenamente, as pilherias que hontem o meu temperamento repellia. Fechando os ouvidos a muita palavra causticante e cerrando os olhos a muita scena maluca...

* * *

Já posso atravessar o oceano de gente alegre, que me ameaça com o seu contagio festivo. Já posso chegar até o outro lado da pandega. Esta máscara me protege contra a irreverencia popular. A minha seriedade burgueza está escondida por detraz deste papelão pintado. Ninguem percebe o triste Pierrot que eu sou. Porque só apparece o Arlequim fingido que, sem poder enganar a si proprio, engana aos outros...

Carnaval...

O Praia-Club, que é, indiscutivelmente, um dos nossos clubs mais elegantes, offereceu aos seus associados, em homenagem a Momo, no ultimo sabbado, um baile magnifico. Pelos seus salões, que apresentavam um aspecto verdadeiramente feerico, desfilaram, na vibração das danças, as figuras mais representativas da «élite» carioca. Houve, ainda, nessa festa de alegria e coloridos tão vivos, varias surpresas de caracter carnavalesco.

Balcão Florido

VOCÊ ME CONHECE?

— Escute, marqueza...

— Um madrigal?

— Não: uma confissão...

— De amor?

— Talvez...

— Ora, sr. Dominó Amarello, vae desculpar-me, mas não tenho tempo a perder.

— Tem-no, porém, para ganhar, marqueza.

— Ganhar, o que?

— Um coração...

— Um coração? E está certo de que ainda haja corações na terra?

— Provar-lh'o-ei, se me ouvir...

— Tenta-me... Um coração... Ah! os corações, como eram elles encantadores e nobres quando ainda sabiam amar!...

— Creia, marqueza: ainda ha corações como esses, capazes de só pulsarem pela dama que lhes inspirou o amor de que vivem... E a senhora, linda como é...

— Eu, linda? E... você me conhece?

— Mais do que julga, talvez...

— Ora, não me faça rir, senhor adivinho!

— Essa mãosinha sem luva, marqueza, diz muito, revela muita cousa.

— Minha mão? Quererá dizer que me conhece pela mão?

— Beijei-a muitas vezes...

— Beijou-a? Que audacia a sua! Até onde quer chegar com tanta liberdade, não me dirá, sr. Dominó?

— Dil-o-ei, sim: quero chegar ao seu coração.

— Mas, isso, essa velleidade não prova que já me tenha beijado a mão...

— Agora mesmo, marqueza, está a sentir o calor de meu beijo na sua mãosinha fidalga, aristocratica, tão cheirosa e tão macia como uma pétala de rosa.

— Ah! Esplendido! Gostei da *blague*: está a beijal-a com os olhos?

— Sim, com a caricia quente dos beijos de luz com que o meu desejo... — perdoe — com que o meu amor inflamma meu coração.

— E' muito tropical o seu amor... Tropical e vertiginoso.

CARNAVAL

«Flor do harem» e «vendedor chinez».

— Se é! Ao pé de uma flor dos tropicos...

— Que belleza de madrigal!

— Marqueza, quer confiar-me sua mãosinha por um minuto?

— Para ler-me a "buena dicha"?

— Sim, e tambem para provar-lhe que a conheço.

— Estou curiosa...

— E' assim que todo amor começa...

— Pela curiosidade? Pensará, então, que já o estou amando?

— Não. Marcha, apenas, para isso...

— Quanta presumpção! Confio-lhe minha mão: leia-a para logo desenganar-se.

— Está nervosa, senhora marqueza: sua mãosinha treme, entre as minhas, como um passaro preso — que quer fugir. Vejamos o que dizem estes traços... Justamente o que pensava: grande intelligencia, emotividade profunda, sensualidade sopitada, simulação, orgulho, dominio de si propria, senso esthetico requintado, até a exaltação da belleza...

— Que lindo! Mais: diga mais...

— Vinte e oito annos... Casada... Nenhum signal de doença. Sangue sadio, estuante, a cantar-lhe, nas veias, a alegria de viver. Mas...

— Mas... Diga logo, que *mas* é esse?

— Não é feliz, plenamente feliz, como deseja ser. Uma cruz; outra cruz... Curioso... vae ficar viuva, brevemente, e casará novamente com um homem que a comprehenderá, que a fará feliz... Seu marido actual tem-lhe dado muito desgosto: é grosseiro, é máu, mesmo, não dá valor ao thesouro que tem, buscando nos labios de outras mulheres o amor que tem em casa.

— E' exacto...

— Estroina, dado a aventuras, seccarrão, sem nenhum carinho para a esposa...

— Como tudo isso é certo! Se ainda pudesse acreditar nos homens, sr. Dominó, que me parece um amigo...

— Que faria, senhora marqueza?

— Não o sei ainda bem... Vou pensar... Se elle mudasse!...

— Escute, tambem sou casado e não sou feliz. Tenho uma linda mulher, boa e leal, mas que não comprehende bem senão os seus deveres de esposa...

— E, então, não é bastante?

— Não. Esposa e tambem amante de seu marido deverá ser toda mulher que o queira trazer sempre preso aos seus encantos...

— Ah! Sim. Talvez tenha razão... Obrigada. E' tarde já: vou deixal-o...

— Assim tão depressa, sem ao menos deixar-me ver-lhe o rosto, esse lindo rosto que sua mascara está a velar?

— Dê-me um bom conselho... Em pagamen-

(*Conclue na pag. seguinte*)

O ELOGIO DA MENTIRA

A mentira, sobre ser uma das mais requintadas expressões da intelligencia, é uma grande fonte de consolação, um palliativo que muitas vezes serve para minorar as desgraças humanas.

A vida, sem a consolação suave das mentiras, seria simplesmente detestavel.

Que seria do mundo sem essas deliciosas mentiras criadas pela imaginação collectiva: o Amor, A Gloria, A Fortuna e tantas outras engendradas pela humanidade, de accordo com as suas necessidades e as suas tendencias psychologicas?

A mentira exerce sobre mim uma attracção irresistivel. Eu minto muito. Minto por necessidade intellectual, minto por exigencias de temperamento. Eis por que, dentre todas as profissões, escolhi a de jornalista.

O jornal é isso: um repositorio de mentiras de todos os calibres. E os jornalistas são os maiores mentirosos do universo.

Ha uma festa na casa de *madame* Z. Verdadeiro fiasco social. No dia seguinte as fo-

---

Sumptuoso e genuinamente carnavalesco foi o baile de sabbado ultimo, que o Tijuca Tennis Club realizou nos salões do Hotel Gloria. Num ambiente de ruidosa animação, sob chuvas de confetti e o emmaranhado das serpentinas, fo-

Balcão Florido

(Conclusão)

to vou satisfazer-lhe o desejo, com a condição de fazer o mesmo. Acceita?

— Acceito.

— Viremo-nos de costas um para o outro. Assim. E, agora, um, dois, tres!

— Clara! ...

— Roberto! ...

— Minha querida; Clarinha louca, que fazias aqui?

lhas estampam uma noticia bombastica, com o titulo de — "Um brilhantissimo sarão".

A senhorita X. é feia, e sobre ser feia é tola. Entretanto, quando o jornal a ella se refere diz: *"a gentil e talentosa senhorita X., um dos mais finos espiritos do nosso set..."*

E os jornaes politicos? Uns exaggeram as virtudes dos homens publicos. Outros centuplicam-lhes os defeitos...

Na imprensa ou fóra della, mentem todos os mortaes. Só não mentem os que não têm intelligencia criadora, só não mentem os que não têm imaginação, os que não têm o talento necessario para inventar uma mentira que pareça ser verdade...

A mentira é necessaria, porque é uma consolação para as desgraças humanas. Até mesmo para os homens publicos attingidos por um ataque e um elogio igualmente mentirosos, porque elles sempre têm como mentira os ataques e como verdadeiras as mirificas virtudes que os bajuladores lhes descobrem.

R. Magalhães Junior

---

lliões da nossa alta sociedade povoaram os lindos salões do Gloria, ao compasso de «jazzs» afinados e attrahentes. Foi uma noite de encanto e folia incessantes a desse «reveillon» de carnaval do elegante club da Tijuca.

— Sabia que tu virias, e vim para descobrir-te...

— E o conselho do "mago", hein, valerá o meu perdão?

— Sim, Rob querido, e todo o meu amor. Todo... todo!

— E, então, agora já "você me conhece", Clarinha?

— Sim, Rob, só agora te conheço; só agora me conheço a mim propria como mulher, como verdadeira mulher!...

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Canção do Desejo

Ao longo, as luzes multicôres da cidade, esbatidas na neblina, parecem fechar as palpebras com somno. Noite silenciosa. E a solidão que me rodeia reflecte-se na solidão de minha alma como uma paisagem no crystal dum lago.

Passo a passo, a saudade do teu amor aproxima-se de mim, põe a mão no meu hombro, e estremeço todo. O desejo que li nos teus olhos de oiro vibra longamente em todo o meu ser. Como um badalar de sinos a rebate.

Adensa-se o nevoeiro. As luminarias coloridas pestanejam mais somnolentas. E a treva que me cerca augmenta e cresce com a solidão e o silencio.

A saudade do teu amor senta-se nos meus joelhos, passa os braços em volta do meu pescoço, e estremeço todo. O desejo que li nos teus olhos de oiro vibra longamente em todo o meu ser. Como um rufar de tambores em combate.

Adormecêram as luzes palpitantes. A nevoa cobriu toda a cidade. E a escuridão silenciosa que me envolve é tão espessa que as mãos quasi a podem palpar.

A saudade do teu amor colla seus labios quentes aos meus, e estremeço todo. O desejo que li nos teus olhos de oiro vibra longamente em todo o meu ser. Como uma alvorada de clarins annunciando o dia.

Os amigos e admiradores do dr. Christovão de Camargo pertencentes ás directorias do Automovel Club do Brasil e do Touring Club do Brasil prestaram, quarta-feira penultima, expressiva homenagem áquelle nosso illustre collega de imprensa e conhecido advogado, pelo brilhante desempenho que deu á sua importante missão no Segundo Congresso Sul-Americano de Turismo, como representante do nosso paiz. Essa homenagem constou de um almoço, que se realizou no Hotel Gloria. O dr. Christovão de Camargo foi saudado, em nome dos demais manifestantes, pelo dr. Edmundo de Miranda Jordão.

FILIGRANAS

Erromango é um dos ultimos, sinão o ultimo romance de Pierre Benoit. Uma historia que se passa somente no cerebro doentio de um individuo isolado numa ilha do mar das Indias. Já Rudyard Kipling nos *Perturbadores do trafego* estudara a loucura produzida pela solidão desses ilhéos da Oceania nos individuos fracos.

A solidão, com effeito, é como um anathema. Ella attinge o nosso ser moral de modo ao mesmo tempo subtil e profundo. E os resultados da sua acção são os mais desastrosos possiveis. Eu vivo só, tão só e ha tanto tempo, sei tão bem o que é o isolamento da alma nas horas de tristeza e de alegria, que escreveria sobre o deserto do meu espirito um romance melhor que *Erromango* e uma novella mais intensa do que a de Kipling...

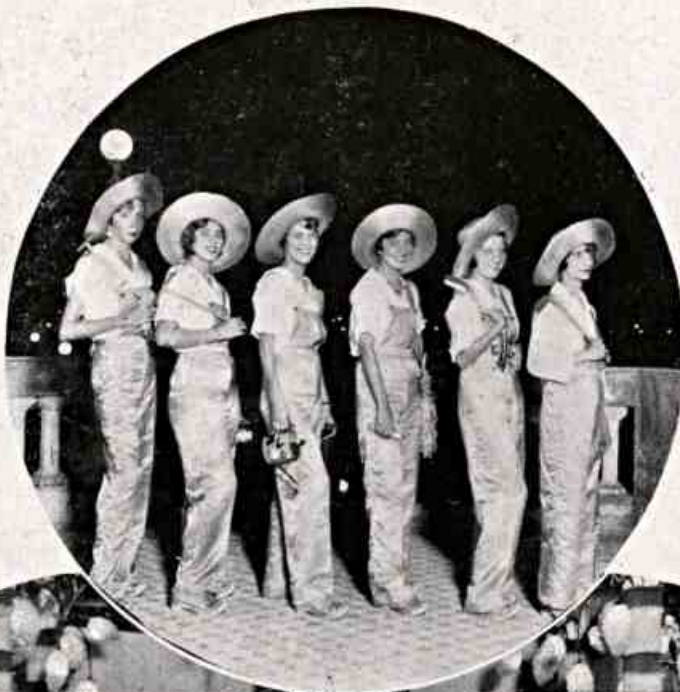
Antes de partir para o seu novo posto na cidade de Bordeaux, o consul Victor Cunha recebeu, aqui, uma homenagem dos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço, sabbado ultimo, no Palace Hotel. Fez a saudação ao homenageado, em nome dos outros convivas, o consul geral dr. Joaquim Eulalio, director dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio do Exterior.

AQUARELLA

Já não ha nada que dizer das mulheres... bonitas. Já todo mundo disse tudo. No emtanto, é tão bom falar mal dessas figurinhas encantadoras que enchem a nossa vida de sonhos e de pesadelos!...

O homem que diz bem das mulheres é prosaicamente feliz como um burguez apatacado. E' porque está de bôas graças com alguma que o illude. Ainda ha homens que se illudem. Ha mesmo. E' verdade que todas ellas enganam com bôas intenções.

A mulher não faz a gente padecer pelo prazer ferino de vêr padecer — mas por vaidade, para se sentir querida e desejada — para desdenhar e saber que não poderá ser esquecida.

Encantadoras!...

Depois de tudo isso, reflectirás e dirás, emfim, que Colombina é um enigma.

Louco..

Colombina é mulher...

E as almas das mulheres são todas iguaes. Todinhas.

Todas? Não!

A tua alma, minha dôce Colombina, é bem differente de todas as almas femininas! Ella me apparece agora desnudada, impudicamente núa, em todo o esplendor satanico da sua perversidade.

Não fui eu que te procurei. Foste tu, Colombina, que me vieste trazer, num sorriso diabolicamente seductor, num olhar perversamente captivante, uma promessa de felicidade que eu desejei para mim avidamente.

E senti a doçura maravilhosa dos teus beijos ardentes como o peccado, virulentos, como uma picada de aspide; e deixei envolver-me na cadeia dos teus braços, e senti o arfar do teu peito e contei as palpitações desordenadas do teu coração.

E só quando soubeste que eu me prendera a ti para toda a minha vida, que fizéras de mim um escravo submisso — só então me abandonaste.

Não! Não me abandonaste de todo: pro-

O' pierrot enamorado (serás tu, leitor, um delles?), arfas de jubilo e orgulho quando Colombina, sorridente, vae beijar-te na bocca, no instante em que ias desesperar!

És um tolo...

Ella te beija para que lhe não fujas; para que lhe sintas o sabor ambrosiaco do beijo estudado e possas melhor sentir o amargo da tua dôr, quando te vires novamente desprezado...

Entre os bailes que se realizaram sabbado, 22 do corrente, merece destaque especial o do Club de Regatas Botafogo, que assim celebrou o advento de Momo. Duas excellentes «Jazz-bands» animaram as danças, que decorreram num ambiente de animação incessante. Lindas «fantasias», que eram os elementos da nossa elegancia, deram um realce esplendente a esse «reveillon». Os salões do querido club receberam, para isso, uma decoração artistica e sumptuosa.

curas que eu te veja, que te deseje, que padeça por tua causa...

E é por isso que és differente de todas as mulheres. Porque a tua alma distilla um veneno de effeito lento, porque preféres vêr-me morrer aos poucos...

Porque sabias que eu não devia ousar e me fascinaste com a tua belleza e me acorrentaste com o teu carinho.

Porque sabias que, humilde como sou, não te daria o meu amôr motivo de vaidade — e mesmo assim quizeste ser amada por mim para me vêres padecer.

Ah! Colombina!... Eu te saúdo!... Porque em toda a minha vida fui Arlequim.

E, por tua causa, fui Pierrot um dia, sem sabel-o...

MATTOS ALÉM

Deante dessas Colombinas, que fizeram o encanto do «bal masqué» de sabbado ultimo, nos salões do Club de Regatas Botafogo, não ha quem não goste do carnaval...

Faianças

Carnaval

Meia noite. Plena folia. Salão de baile. Os clarins atroam os ares com seus gritos estridentes. No ambiente fluctúa o cheiro intenso do ether perfumado. Confetti. Serpentinas. Pares fantasiados povôam a sala ampla, sob a orgia da luz. Maxixes, sambas, todo o delirio dos ruidosos dias de Momo...

Na Pavuna,
Na Pavuna
tem um samba
que só dá gente reuna...

SCENA PRIMEIRA

Arlequim e Colombina.

COLOMBINA, *suspirando*: — Emfim, parece um sonho que nos encontremos aqui...

ARLEQUIM: — Só mesmo no carnaval. O carnaval é a época propicia aos acasos felizes...

COLOMBINA: — Considera feliz esse acaso?

ARLEQUIM: — Aqui não ha acaso. Ha a victoria da vontade paciente de um homem que ama uma mulher... promettida a outro... (*Pausa*) — E' verdade: que é do teu noivo?

COLOMBINA: — Receio que elle ande por aqui. Elle é ciumento e não confia em mim. E si não tem a certeza de que fugi da familia, para me encontrar comtigo, terá, pelo menos, desconfianças...

ARLEQUIM, *depois de uma reflexão*: — Saberei resolver todas as situações... Confia em mim.

(*O jazz quincha um fox saltitante. Arlequim e Colombina se estreitam, felizes, na liberdade do momento, e saem rodando pela sala. Na embriaguez do ether ella deita a cabeça no hombro de Arlequim. Este a beija, de leve...*)

SCENA II

Arlequim, Colombina, Pierrot e Farça.

FARÇA, *apresentando a Arlequim*: — O meu amigo Pierrot...

PIERROT: — Prazer em conhecel-o...

ARLEQUIM: — Do mesmo modo.

(*Ha a seguir as demais apresentações entre Farça, Colombina, Pierrot e Arlequim. Pierrot conversa com Colombina. Um maxixe estala no ambiente delirante. Retiram-se todos para um canto do salão*).

PIERROT, *a Colombina*: — Dá-me o prazer...

COLOMBINA: — Pois não...

(*Dançam. Pierrot sente o calor daquelle corpo divinal nas suas mãos e tem um presentimento, que logo afasta de si... Dos cabellos de Colombina vôa um perfume, que é o da sua noiva...*)

COLOMBINA: — Adoro o carnaval!

(*Ajusta a mascara para que Pierrot não lhe veja o rosto...*)

PIERROT: — Mas não parece carnavalesca...

COLOMBINA: — Porque?

PIERROT: — E' prudente, reservada, preconceituosa. Esconde-se de mais... sob a mascara...

COLOMBINA: — Tenho razão... Sou noiva... e "elle" é feroz de ciume...

PIERROT: — E como se acha aqui, neste baile?

Mlle. Maria de Lourdes Leão é uma encantadora maranhense que, na sua terra, goza o prestigio das suas graças pessoaes. Nesse ambiente em que ella se move, Maria de Lourdes, a meiga filhinha do capitalista Arthur Leão, é bem uma boneca «entre as quinquilharias de um bazar»...

COLOMBINA: — Enganei-o. Vim na companhia de um amiguinho...

PIERROT: — Adoro as mulheres aventurosas! Detesto as mulheres burguezas!

COLOMBINA: — Que differença ha entre ellas?

PIERROT: — As primeiras são capazes de amar e de todas as loucuras; as outras são prudentes, vulgares, pensam pela cabeça alheia, e medem os seus actos e os seus interesses com uma fita metrica.

(Colombina acha graça. E pouco a pouco, se vae interessando por aquelle Pierrot tão illustre. Tem as idéas do noivo. Mas a este ella não ama. Ao passo que aquelle...)

COLOMBINA: — Gostaria de conhecel-o...

PIERROT, *sem hesitar*: — Façamos um pacto de honra...

COLOMBINA: — Qual é?

PIERROT: — Tiraremos a mascara, simultaneamente... e guardaremos segredo sobre o resto...

COLOMBINA: — Pois seja...

(Ambos levantam as mascaras. Desmancham a voz de falsête.)

PIERROT: — Tu, Suzette?

COLOMBINA: — E tu, Flavio? *(E, depois de um silencio cheio de assombro.)* — Respeitemos o nosso pacto de honra...

PIERROT: — Tens razão! Carnaval! Evohé! Evohé! Vamos fugir de Arlequim?

COLOMBINA, *ironica e espiritual*: — Pela primeira vez Pierrot consegue trair Arlequim...

Lucta interior

Minha doce amiga — Maeterlinck, nas paginas illuminadas de "La Sagesse et la Destinée" sentencia com certa gravidade: "Il n'arrive jamais de grands événements intérieurs à ceux qui n'ont rien fait pour les appeler; et cependant le moindre accident de la vie porte en lui la semence d'un grand événement..." Quem sabe si assim não é? E acaso esse accidente da vida não pode ser o amor de uma mulher? Acaso, por si só, não poderá elle produzir um grande desastre em nossa vida?

Não esqueçamos a phrase lapidar de Henri Bordeaux, a proposito do affecto de d'Argental por Adrienne Lecouvreur: "L'amitié des femmes coute cher"...

Quantas vezes uma simples affeição, que começa devagarinho, não termina numa ruina sentimental?

As almas são sempre as mesmas.

Mathilde Serão nos affirma que "na dôr, todas as almas são irmãs". Eu pergunto: só na dôr? E por que tambem não o são no amor? O amor é, quasi sempre, uma expressão de soffrimento. Em cada alma que ama, ha uma pequena dôr, que tem as suas nuances...

O amor de Paolo e Francesca, "che insieme vanno", perpetuamente, pelos circulos do inferno, sem se poderem beijar, é o amor transformado na tragedia de duas almas que se amam e são cada vez mais infelizes.

Mas por que vou eu fazendo philosophia? Eu queria dizer apenas que o amor é uma fatalidade a que o coração humano tem de obedecer.

Que importa a condição dos individuos? Não entrasse elle na choupana como no palacio esplendente, no coração humilde e no soberbo e não ferisse o moço e o velho...

Afinal, não desejo repetir aqui os logares-communs do amor.

Quero, minha amiga, offerecer-te uma linda pagina de emoção lyrica, devida a um parlamentar nosso, que se encobre sob o modesto disfarce de Gil

Mlle. Arlette Lacerda, a joven pianista paulista, discipula da illustre professora e compositora Dinorah de Carvalho, e uma legitima vocação musical.

Francisco. Vê como traduz ella, na harmonia dos seus bellos versos, todo um intenso drama de amor, em que o sentimento luta com a razão...

INDIZIVEL ANGUSTIA

Ver-te é soffrer; porque em te vendo, vejo
Que nada sou para o meu doce amor;
Mas de te ver é tanto o meu desejo,
Que até não ver prefiro a minha dor...

E vou vivendo assim, crucificado
Nestes extremos, que me são fataes:
Ou te ver e sentir-me desgraçado,
Ou não te ver, soffrendo muito mais.

Ver-te é sentir olhos indifferentes
Pousando sobre os meus em agonia:
Mas, se me faltam elles, por ausentes,
E' como se faltasse a luz do dia.

Vê tu quanta irrisão neste meu fado,
Ironia que são como punhaes:
Ou te ver, e sentir-me desgraçado,
Ou não te ver, soffrendo muito mais...

GIL FRANCISCO.

Teu — Y...

ESCREVO-TE, Gonçalves, num sabbado de Carnaval. E é a ti, o carnavalesco desvairado, que se auspicia em delirios aos perfumes de Rodo e de Coty que eu venho saudar pelo evento diabolico da festa pagã.

O teu destino bohemio, cruzando passagens pittorescas pelo mundo, é uma eterna historia de Carnaval.

Tu és, simultaneamente, Pierrot, Palhaço e Arlequim. Gemes ao violão canções tristes ao desprezo das mulheres que te abandonaram. E cantas, afinando estrophes apaixonadas, os contornos dôces daquellas a quem conquistas com as seducções do teu espirito.

Foi num dia de Carnaval que te conheci. Vestias uma fantasia de marinheiro inglês, e, desdobrando as tuas longas pernas num samba delirante, fizeste-me o teu retrato authentico de carnavalesco feliz.

Nunca esquecerei a tua alegria. Recordo-te com uma fidelidade absoluta. Os teus olhos verdes, de perfido e tristonho luzir, reflectiam, naquelle instante de luz e de perfume, a tua alma inquieta de batalhador, de amoroso, de estheta maniaco das curvas esplendentes...

Ficaste-me, no coração, Gonçalves, como uma legenda de sensualismo.

E, até hoje, varios annos correram sobre a nossa existencia, até hoje, acompanho-te em espirito subjectivamente, gozando as tuas traquinadas imprevistas.

Nunca chega o Carnaval que eu não me lembre dessa noite em que te conheci. Tres horas e meia da madrugada de uma terça-feira gorda.

As mulheres perturbadas pela dança e pelo champagne pareciam mais amorosas e mais felinas.

A variedade das physionomias, a vida que nellas palpitava em tumultos de anseios, era a confirmação do fulgor dionisiano do Carnaval.

A tristeza — essa velha desgraça que nos cobre os hombros como um farrapo durante o anno inteiro, exila-se, amachucad e humilde, com pavôr do Carnaval.

E elle, o grande mago, vestindo chales de Tonkin, cabaias da India ou pobres calças de palhaço mendigo, affronta a dôr, a rebeldia, a desillusão, e vem matar á humanidade a sua séde de prazer.

Não ha ren ncia que o edifique. Não se explica a sua omnipotencia. Sabe-se, porém, que o Carnaval força todas as portas, attrae todas as forças.

E' o vencedor que agita o mundo inteiro com a viril firmeza com que um cirurgião brande o seu canivete.

E, para salvar ou para matar, o Carnaval flammeja e accende tempestades de luz na alma da gente.

Pierrot pallido e lunatico. Colombina sensivel e linda. Arlequim. o feliz traidor. E seja o Pierrot doloroso de Verlaine, o Pierrot de Leal da Camara ou o Pierrot de Severin, todos se fixam na eternelle chanson que é a comedia d'arte do amôr.

Pierrot não evolue. Através dos seculos, elle se mantem o mesmo falido de gloria e de venturas, emquanto Arlequim vence, idealiza e sorri.

Pierrot, Palhaço e Arlequim encarnam-se admiravelmente em ti, Gonçalves.

Tens ganho batalhas faceis como Arlequim.

Em convulsões profundas, como Palhaço, tens chorado lagrimas ardentes em recordes de desespero.

E serás, como eu, como todos os sonhadores, eternamente, o Pierrot immortal, de coração ingenuo a palpitar dentro no peito, em aspirações de esthesia e de amor.

Espero-te vêr, logo, á noite, numa das festas sumptuosas que se offerecem ao Carnaval. E, se me encontrares, esfusiante, brilhando em sorrisos e lantejoulas, não recordes a phrase cruel de Melle. de Lespinasse:

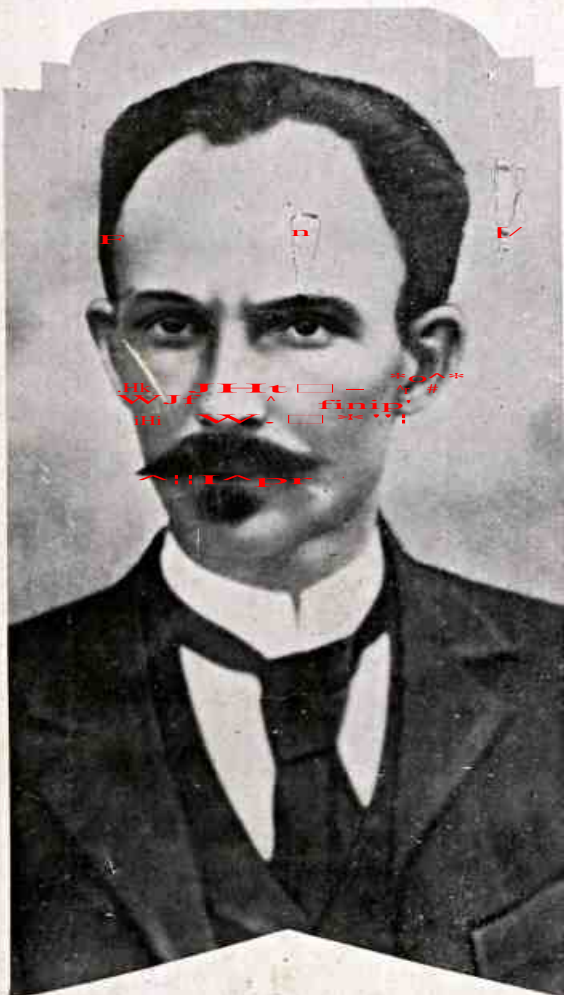
— "Qui est-ce qui est heureux? Des miserables."

Mas eu deturparei a intenção da sentença. Felizes somos todos nós, os Pierrots do destino, que anseiamos até o derradeiro instante.

Ri, Gonçalves. Sorve taças de champagne em numero avantajado.

Samba e goza como se fôra o dia maximo da tua vida.

E se encontrares, nas festas destes quatro dias gloriosos, alguma mulata impressionante — dá nella...

A independencia de Cuba

José Marti, o apostolo da liberdade cubana.

A PERSONALIDADE DE JOSÉ MARTI

MAIS uma vez na historia da humanidade, vez gloriosissima, quasi milagrosa, a idéa sublime da liberdade e dignificação de um povo teve um apaixonado, pontifice e propheta, capaz de amal-a, que soube annuncial-a e definil-a, deixando-a immutavel no cerebro e na alma desse povo, com a firmeza duma rocha e o vigor dum tronco millenario.

O espirito forte duma patria viril, com seus sagrados anhelos de independencia, foi recolhido por quem, comprehendendo por que o amava, o fez seu, personificando-o e erigindo-se seu representante. E o novo redemptor, como todos os que souberam semear obras e illuminar idéas, teve o martyrio que o immortalizou e a corôa que o perpetúa.

MARIO GARCIA KOHLY

Passou a 24 de fevereiro a data em que se iniciou em 1895 a ultima guerra pela independencia do heroico povo cubano, a qual culminou pela proclamação da Republica na Perola das Antilhas. O grande movimento patriotico que preparou, impulsionou e realizou essa grande obra se deve ao extraordinario cubano José Marti, que, infelizmente, morreu em combate e não poude vêr brilhar sobre Cuba o sol da Liberdade. Relembrando esse vulto de lutador, egregio pelas virtudes e pelo valor pessoal, e essa data gloriosa, congratulamo-nos com o povo da nação irmã.

O capitolio de Havana.

MOMO & NEPTUNO

Copacabana — a praia aristocratica da cidade, encheu de alegria e de encanto o ultimo domingo, com a festa de mocidade, de elegancia e de belleza, que foi o banho á fantasia realizado no Posto VI. Uma linda festa pagã, essa homenagem aquatica prestada a Momo, numa «féerie» de sorrisos e de «travestis» multicôres. Nereidas, sereias — todo o Olympo marinho feminino alli se representava, a provar que a mulher carioca sabe ser bella, graciosa e encantadora mesmo... debaixo dagua...

Foi um deslumbramento o banho de mar á fantasia que domingo pela manhã, se realizou no Posto VI, em Copacabana. Alli se reuniu o «grand-monde» do bairro chic para tomar parte ou apreciar a festa de Momo & Neptuno, tão bizarra e tão linda pelos aspectos que apresentou, sob a luz quente e fulva do sol de fevereiro.

A gurizada de Copacabana tambem se divertiu muito no banho á fantasia do Posto VI, e fez o que muita gente grande não tem coragem de fazer: um casamento á beira dagua... Reparem, na photographia do alto, como os «noivos» estão contentes...

O Grajahú Tennis Club, que tem a sua séde á rua Maquiné, no novo bairro que lhe dá o nome, realizou, domingo passado, o seu baile de carnaval, que resultou numa festa de alegria guizalhante e cheia dos disfarces mais bizarros.

Foliãs alegres e bonitas que deram realce ao baile á fantasia do Grajahú Tennis Club.

FILIGRANAS

Bate o sol de chapa nas altas fachadas dos predios, lavando-os de luz. A rua immensa estende-se a perder de vista. Faz calor. Entretanto, caminho com passo igual e seguro como si fizesse exercicio numa cinzenta manhã de frio. Ao meu lado, os autos passam velozes, buzinando. O grito áspero dos pregões vara o ar. Todo o rumor violento da cidade que acorda. E eu caminho sem prestar attenção aos ruidos e ás gentes, ás casas e aos vehiculos, o olhar fixado em frente, firme na direcção tomada, sem desfallecimento, sem uma interrupção, sem uma parada...

E' assim que, através da vida, meu amor, eu caminho para ti, o coração batendo de esperança, batendo de esperança...

Outro grupo de foliãs do Grajahú Tennis Club.

RECORDAÇÕES

Eu ia falar da Terra,
do Céo, do Mar,
de assumptos que andam á berra,
gréves, meetings de após-guerra,
convenios França-Inglaterra,
Australia e Madagascar...
Mas a lingua, ás vezes, erra,
quando a gente vae falar...

O unico assumpto que hoje nos provoca
commentario espontaneo, natural...!
... qual é, Arlequinette carioca?
— C-a-r, car, n-a, na, v-a-l, val...
Uma recordação de carnaval,
quem não a tem?
Um sorriso, uma audacia, ou leviandade,
uma saudade...

Uma saudade
de algo que nos fez bem...
— Uma rajada passional,
uma tragedia...
— Uma tragicomedia
sentimental...
Quem não teria tido, quem não tem
uma recordação de carnaval,
uma recordação feliz? Ninguem.

Pois eu... Eu nunca tive carnaval,
essa unica alegria... verdadeira!
Talvez porque vocês, por bem ou mal,
vêm fazendo commigo carnaval
a vida inteira...

Já se me foi o "azul da Adolescencia",
e a limpidez da "candida innocencia"
da fagueira (vá lá!) fagueira infancia...
E, a pequena distancia,
olho nos turvos céos sem transparencia
a neblina invernal:

— Remexo o coração e a consciencia,
e a memoria não acha uma reminiscencia
de carnaval...

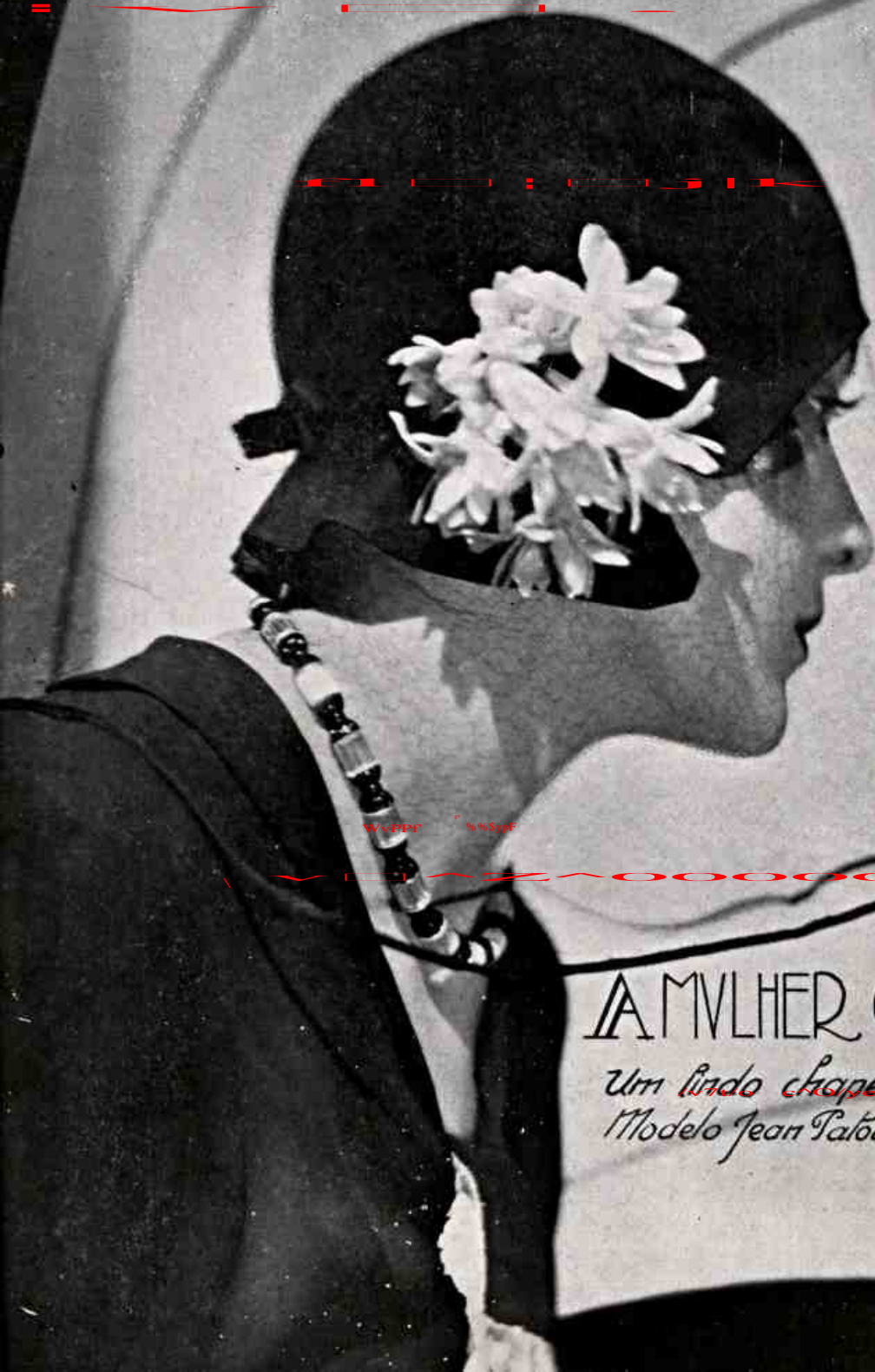
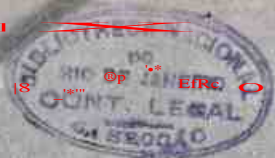
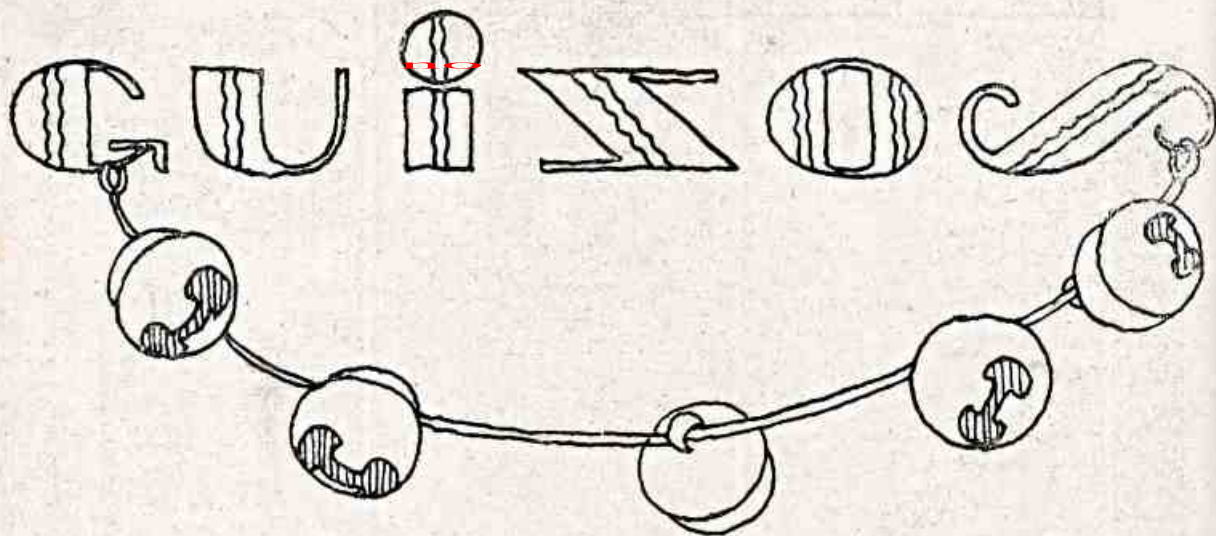
Vocês não, vocês não!
Têm na escripta (segredos da Escriptura!)
uma aventura,
uma qualquer recordação...

Aos 10 annos, sahiram de diabinhos.
Aos 15 ou 16, de dominós.
Aos 20, dois a dois — pierrots de arminhos,
foram, a dois pombinhos,
sahiram do cordão... por descaminhos
sentimentaes...
depois, depois... O sonho, o ether, os vinhos,
vocês nem sabem mais...

Recordar... leit-motiv,
cinzas da phase quadragesimal...
Pois eu... eu nunca tive
uma recordação de carnaval.

Meu carnaval tem sido sempre em casa.
E carnaval em casa
é lareira sem brasa,
é véla sem pavio.

E' bem verdade que não sinto frio,
porque o famoso carnaval do Rio,
ferve em pleno verão...
Mas, lareira sem brasa
e véla sem pavio,
carnaval, só, em casa,
é antecipação
da quarta-feira, é cinza antes do dia,
é a mascarada de melancolia
do nosso coração...

Mas, afinal,
quem não teria tido, quem não tem
uma recordação de carnaval,
recordação triste ou feliz? Ninguem...

A MVLHER CHIC
Um lindo chapéo de feltro negro
Modelo Jean Patou

GUIZOS DE COBRE...

Boateiros impenitentes andaram a boquejar, pelas esquinas, que o carnaval seria transferido por causa das eleições.

Entretanto, o boato, si fez mal aos nervos dos carnavalescos, não abalou o bom censo das autoridades, e Momo ahi está, reinando, endoidecendo de alegria a cidade.

Cada qual afivéla ao rosto a mascara da sua predilecção, para esquecer um bocado certas conveniencias sociaes, e a humanidade se mostra tal qual ella é, numa exhibição mixto de luxuria e animalidade.

A cidade, excitada pelo éther que se volatiliza do *lança perfume*, delira num rythmo de vida desordenada.

E, no ambiente carnavalesco, existe acaso alguem que pense a serio nas taes eleições?!

Só os candidatos ao subsidio...

GUIZOS DE PRATA...

Foi isto ha tanto tempo... São passados annos.

Distingui-o entre a multidão ululante das ruas.

O *frou-frou* da sêda, uma onda de perfumes, e prendi nos braços o *meu* dominó côr de rosa.

Através do *loup*, distingui o brilho dos seus olhos negros, e o seu riso crystalino pôz a minha alma em alvoroço.

Caminhámos juntos, enlevados, vivendo horas emocionantes, de intensa alegria, horas de febre, que jamais serão esquecidas...

A cidade era um vulcão de desejos allucinantes!

Vozes, rufos, ruidos os mais estranhos, baralhando-se, aturdindo, numa confusão infernal.

E o dominó côr de rosa, galante, fidalgo, ali estava para a festa do espirito!

Levei-o, radiante, para o seio da floresta verde, onde a natureza dormia sob o manto das estrellas, fugindo da cidade que escandalizava na mais grotesca exhibição de impudor, tremendo os seios nús no saracoteio dos sambas embebidos da saudade das selvas africanas.

O dominó côr de rosa segredou-me, então, ao ouvido, o mais lindo poema de amor...

Depois...

Depois, partiu para nunca mais voltar...

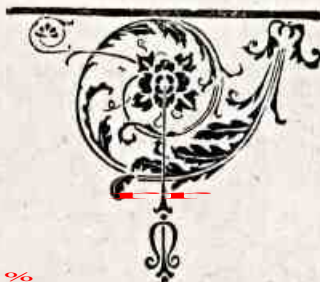
GUIZOS DE OURO...

Recostado na *ottomana*, sentindo a caricia dos velludos, accendo um *Batschari cigaretten*, e deixo a fumaça evolar pelo espaço limitado pelas quatro paredes do meu quarto.

Aqui dentro, um silencio tumular.

Lá fóra, o ruido dos clarins, o riso guizalhante das mulheres, a folia, pleno reinado da loucura.

Prefiro o meu isolamento, pois, estando só, estou comtigo...

A fumaça azul, espiralando, subindo, perdendo-se, leva para a illusão dos meus sentidos um corpo irreal de mulher!

Não percebo fórmas, mas advinho que o teu perfil de *Tanagra* se dilúe deante dos meus olhos eternamente encantados da tua graça feminina.

Vives commigo, ó doce Colombina de todas as horas de sonho!

Sinto a volupia dos teus beijos!

Tenho ansias infinitas, ansias como sómente sabe tel-as Pierrot, torturado de saudades e de ciumes...

Ah! por que temos todos nós uma Colombina, trefega, doidivana, dentro d'alma?!

CARNAVAL FUTURISTA...

Rumor, vozes,
Gritos desesperados...
Cascalhar de guizos.
Tudo que é doido,
Infantil...
Paira no ar!

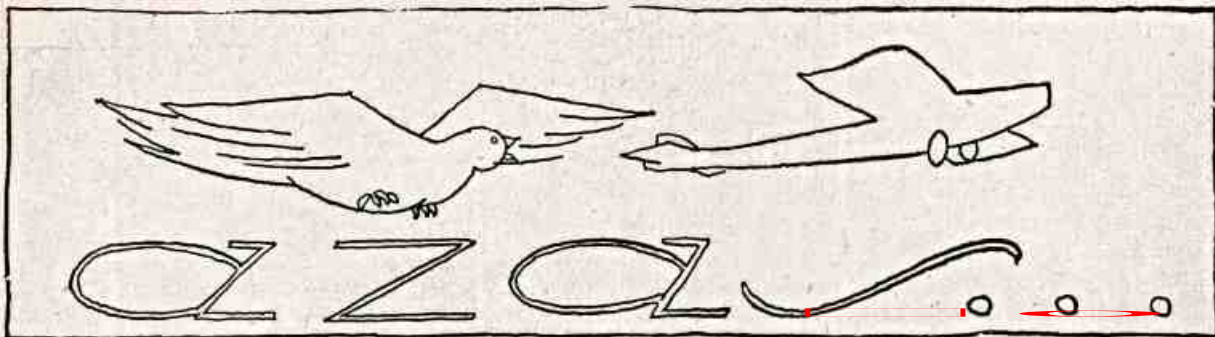
Neste dia,
Quebra-se a harmonia
De tudo!
Té as tuas mãos nervosas,
Mãos de lyrios, de rosas,
Mãos de velludo...
Magôam como os espinhos
não affeitos a carinhos!

A sensação louca,
Que me dá a tua bocca!
A allucinação dos teus braços
Que me faz em pedaços...
Pela primeira vez
Não sinto, talvez...

Minh'alma dorme,
Num vazio enorme...
Como tristes são os fados,
Dos miseros abandonados!

E, emquanto agitam-me desejos,
Vão para outros os teus beijos!

MARION.

Na piscina do Fluminense Football Club realizou-se, domingo passado, um banho em homenagem a Momo. Houve muita fantasia original e muita pilheria... dentro e fóra dagua...

AUTORES

Manoel Victor, pintor e poeta, brilhante talento entre os novos escriptores de S. Paulo, artista da téla e do verso, acaba de publicar o bello livro «Colleccionador de Sensações», que a critica está recebendo com louvores.

A MALDIÇÃO DOS PHARAÓS

A lenda antiga de que Isis — a deusa egypcia temerosa e vingativa — punia com a morte todo aquelle que ousasse erguer uma ponta do mysterioso véo que a encobria, parece reviver, agora, em plena civilização do seculo XX, na maldição dos pharaós que tiveram seus tumulos sacrilegamente profanados pela irreverente curiosidade do homem moderno.

O recente suicidio de Lord Westbury — acaba de impressionar profundamente a capital da loira Albion, fazendo correr um arrepio de espanto na pelle da humanidade culta de hoje.

* * *

A maldição dos pharaós, a implacavel maldição que da paz millenaria, de um tumulo profanado pela mão sacrilega do homem se ergueu, um dia, ha quatro ou cinco annos, para pesar, impiedosa, sobre os que ousaram procurar desvendar o mysterio que elle guardava!

Depois de Lord Carnavon — a primeira victima abatida — outras se seguiram, em um espaço de tempo variado. E, quando, passados tantos annos, já se supponha consumada toda a vingança de Tutankhamen — o pharaó perturbado no seu somno millenario — eis que o mundo, surprezo e tomado de superstição, assiste ao fim tragico de mais uma vida ligada á obra funesta da excavação do tumulo do rei egypcio.

* * *

Lord Westbury atirou-se, um dia destes, da janella de um 7º andar, á rua, pondo termo a uma vida cheia de inquietação e soffrimento, trabalhada, perturbada pela lendaria maldição.

"Na realidade não poderei mais supportar tantos horrores — deixou elle escripto em uma carta de despedida.

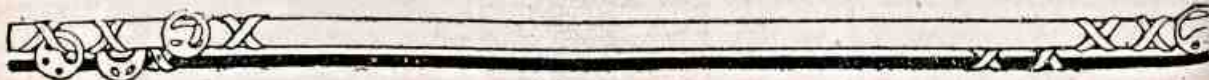
Por que? Que se passaria na vida interior do velho e rico membro da aristocracia britannica, a ponto de arrastal-o ao commettimento de seu acto de desespero?

Mysterio...

No mundo das sombras, parece, ha uma justiça implacavel, um tribunal impiedoso, que não perdôa o mortal por elle condemnado. Uma justiça feita de maldição para os que, sacrilegamente, ousam perturbar o somno dos pharaós...

Isis — a deusa temerosa e vingativa — certo tinha a seu cargo velar o mysterio sagrado da morte, das coisas do au-delá. E a sua vingança, através da maldição dos reis egypcios, ainda pesa sobre o mundo pelos seculos afóra...

ICARO.

Alexandre Passos é, como escriptor, uma intelligencia victoriosa. Publicando agora «O Rio no tempo do «Onça», mais uma vez elle se affirma, no seio da nova geração literaria. Dizemos que se affirma mais uma vez, porque o nosso collega é um jornalista que reune ás qualidades de um critico subtil, demonstradas nesse seu ultimo livro, os brilhos de um literato de largos e intelligentes recursos.

Ao regressar da Europa, onde, ha tempo, se encontrava, o illustre professor Agenor Porto, que é um dos luminares e uma das mais legitimas glorias da medicina brasileira, foi alvo de expressivas manifestações de apreço e consideração por parte de seus innumeros amigos, collegas e admiradores, que o receberam carinhosamente.

No salão nobre do Centro de Commercio e Industria do Estado do Rio, na capital fluminense, realizou-se, domingo passado, a cerimonia da coroação da rainha dos empregados no commercio de Nictheroy, a gentil senhorita Altair Rodrigues. A linda solennidade teve numerosa e distincta assistencia, fazendo-se representar o presidente do Estado, dr. Manoel Duarte. Estampamos nesta pagina dois aspectos da cerimonia: em cima, a «rainha», com suas «demoiselles d'honneur» e numerosos assistentes; no medalhão, a senhora dr. Telles Barbosa impondo-lhe a corôa symbolica.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

Renato Palmeira e Marcelo Roberto

MARCELO ROBERTO e Renato Palmeira são duas expressões da arte contemporanea do Brasil. Muito novos, limpos de preconceitos e de traço, sentem a linha como a mais abstracta representação do plano.

A "fórma", illusão sensorial, modifica-lhes a sensibilidade interna, repercute na esphera desconhecida da esthesia e reflecte-se na exteriorização pessoal que plasma e embellece.

Marcelo é mais illustrador. Tem visões de synthese e a penna acarinha o risco intelligente que bórda filigranas milanoitescas, como se já houvesse haurido os aromas persas dos Kadjars ou visto as rendas multichromas de Oman.

Marcelo Roberto.

Fertil em "situações estheticas dá aos personagens uma elegancia permanente em todas as situações da lenda ou da novella.

Se é verdade que o artista reflecte na obra uma grande parte do seu "eu", — nenhum melhor que Roberto confirmaria a regra no vestir, no atirar para a vida seus personagens bem combinados, harmoniosos, trajados no rigor da moda como elle proprio, encarnação sadia da primavera alegre da raça.

O esmero que lhe vae no friso das calças ou nó da gravata, escorrega para o lapis, deslisa mais um pouco e "figuriniza" nas attitudes, nos gestos, nas "pôses snobs" as creações de sua verve illustrativa.

Renato é o melodista das composições, o caricaturista que até a propria perversidade moderniza no angulo docil e rebelde, arredondado e agudo com que adorna, ironicamente, benevolamente, as figuras visadas pela sua satira de pincel crú ou laurel endeusativo do *crayon*.

—

Agora, sob o ephemero septro do deus galhofeiro dos guizos e pandeiros, vão os dois artistas proporcionar aos olhos extaticos deste povo mais carnavalesco do mundo os "decors" bellissimos de uma grande sociedade carioca.

Trata-se da "féerie" magna do "Botafogo" onde as faculdades creadoras de Renato e Roberto farão resurgir "Baba Yaga", o "Passaro de Rogo", "Elphos de Bagdad"... e outros celebres scenarios... Como verdadeiros Cocteau e Picasso do Tropicalismo patrio.

De acôrdo com os cancioneiros, os sambistas creôlos, legitimos Erics Saties do "*folk-lore*" indigena e "*momico*", — Marcelo e Renato vestem de alegria e de sonho as amplas paredes do Club fronteiro ao *solar*... *Julianesco*.

E na dança estonteante das côres que se ali vêm, percebe-se — suggestão? — a toada dos cordões, o rufar dos tambores; o clarin estridente dos "zépereiras" e a gargalhada eterna da vida que não envelhece, da vida illusão que é o confetti doirado que brilha quando no alto se aureola de luz como o amôr. Ideal loucura, — quem melhor do que a mocidade e a Arte nos poderia homenagear

Renato Palmeira.

e querer? Quem melhor para vestir Arlequim de seducção, consolar Pierrot lacrimoso e colorir Columbina de encanto e peccado?

Renato e Roberto possuem o segredo de comprehender o symbolo que é o Carnaval e de exprimil-o em côres e harmonizal-o em linhas para a conjuncção dos rythmos da musica e da dança.

. . . .

O carnaval passará. Mas na visão illuminada dos dois pintores a natureza, o viver, em seus aclives e declives terá sempre a mimósa auréola dos archotes, dos "a giorno" da "phantasia" que disfarça tudo, até mesmo a illusão feliz de que o Amôr é uma ventura!

HERNANI DE IRAJÁ.

LANTEJOULAS

Meu amor, o jardim está sorrindo porque tu chegaste! Está sorrindo pelas boccas vermelhas, roseas, loiras, roxas e lilazes das suas flores.

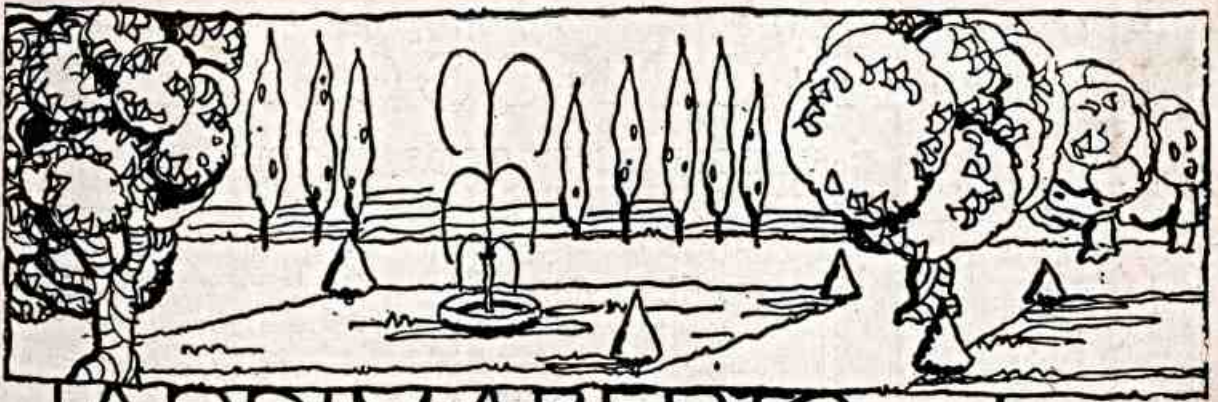
A Natureza ri pela bocca cheirosa e vermelha das rosas e dos cravos sangrentos.

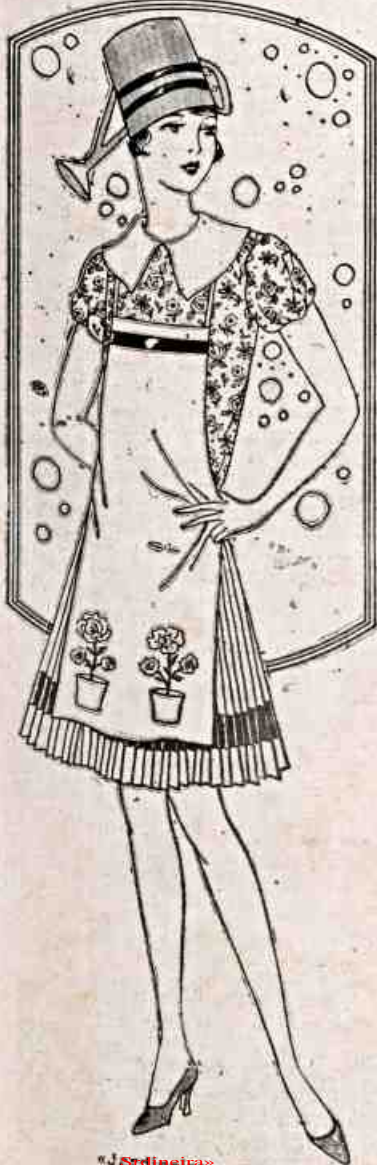
Engalanada em pompas, ella ergue ao Infinito um hymno de belleza em teu louvor.

E é a Natureza!

Avalia agora o que vae pelo meu coração!...

Varios aspectos da memoravel peleja de domingo, no campo de S. Januario, e que tanto empolgou a numerosa assistencia, pelos lances de sensação que offereceu.

Francisco Manoel, o glorioso autor do Hymno Nacional, e cujos restos repousam no cemiterio do Catumby, foi relembrado no dia 21 do mez findo, data de seu nascimento, por occasião da homenagem que o Centro Carioca promoveu á memória do maestro brasileiro. Junto ao monumento do saudoso e illustre compositor patricio, realizou-se uma cerimonia tocante, a que se associaram as altas autoridades e os admiradores de Francisco Manoel: artistas, intellectuaes, etc. A senhorita Eunice de Mello Pedrosa, alumna da Escola Normal, leu, então, algumas palavras sobre Francisco Manoel, que o professor Benevenuto Berna escreveu especialmente para a solennidade. Em seguida, o escriptor paraense Adolpho Celso proferiu um discurso enaltecendo a figura do compositor do nosso Hymno.

LUA MINGUANTE

CARNAVAL

«Jardineira».

O clarão que espalhas no céo já tem um tom de saudade...

Lua minguante! Lua minguante!

Quando crescias, quando noite e noite teu circulo de luz augmentava no meio das constellações palpitantes de inveja, eras como uma esperança illimitada.

Lua crescente! Lua crescente!

Realizaste o teu luminoso destino. Foste esplendidamente redonda e bella. Empallideceu o firmamento e a terra empallideceu ante o teu esplendor. Apagaram-se as constellações invejosas. Tua luz suave perfumou os campos. O mar convulso rugiu de amor sob sua caricia. Os homens amaram-se sob o seu mysterio. E os poetas cantaram a sua gloria sem par.

Lua cheia! Lua cheia!

Depois, diminuiste devagarinho, devagarinho. A treva, traiçoeira como o tempo, lentamente foi devorando a tua face radiosa. Lentamente, mas fatalmente. Como a velhice enruga um rosto, cresta uma pelle fresca, embranquece uma cabeça negra e curva um porte altivo, assim aquella mancha corroeu a tua luminosidade, apagou o teu brilho e diminuio o teu vulto. E nessa treva sem piedade uma noite qualquer desapparecerás. Já o clarão que espalhas no céo tem um tom de saudade.

Lua minguante! Lua minguante!.

Velhice, treva que devora o esplendor da vida, lua minguante de todos os que nascem e se destinam a morrer! Já sobre minha cabeça espalhas a prata da tua saudade...

CARNAVAL

«Thermometro».

«MI CONOSCI?»

Por DILKE DE BARBOSA RODRIGUES

Os immensos salões dourados, esplendorosamente illuminados, onde as nuanças de orchestra se misturam com gargalhares crystalinos!... Vozes de falsête! Cantares! Chocalhos! Guizos! Bimbalhos!...

Os perfumes estonteiam! O "champagne" embriaga!...

Alegria de loucos! Delirio de danças!

Eis senão quando, severo, elegante, encantador no seu lindo "travesti" de "Prince Charmant", descobre os olhinhos dourados de uma formosa "demoiselle d'honneur" á Luis XVI, que o fitava com ternura demasiada, com uma caricia tão doce!... Elle sentiu, como nunca até então, uma emoção brava!... Caso estranho! Seu peito orgulhoso arfa! Aproximando-se da "giovinetta" bella na "toilette" de sêda branca, engrinaldada de flores, gritou-lhe como se a houvesse visto alguma vez, pois parecia que a conhecia de ha muito, que a adorava, talvez; — "Mi conosci?"

A linda fidalga, tirando da "corbeille" de argento que acompanhava a sua esplendida indumentaria uma candida e perfumada rosa, lançou-lhe num gesto elegante. O moço fidalgo apanhou-a e, emocionado, osculou-a, contemplando a sua formosa doadora!

— Mas uma onda de patuscos arrasta-o no seu turbilhão para outros salões... Aos empurrões, aos brados de anseio, consegue, emfim, retornar ao scenario do primeiro encontro. Tarde demais! Procura-a em vão... A sua sylphide eclipzára-se... "Cinderalla?!" exclama triste, desesperado.

Termina a festa da loucura — o Carnaval!

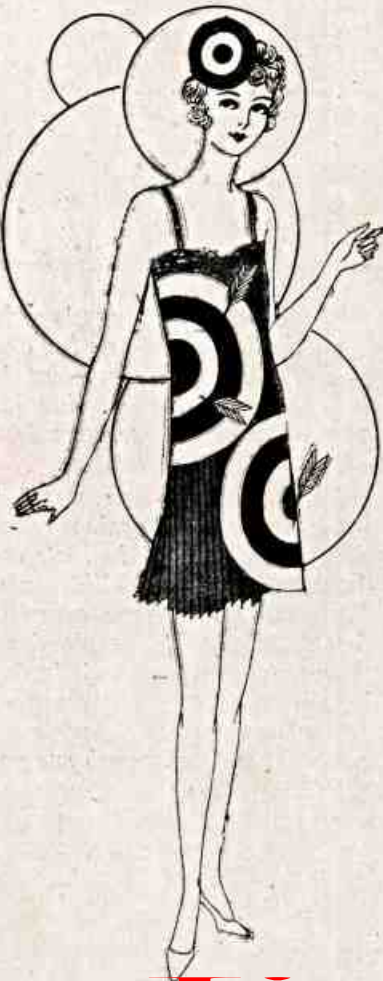
Passam-se tempos!

Uma tarde, em seu escriptorio na Piazza de San Marco, o advogado Severo Madorlo recebe um chamado para que seguisse com brevidade para o palacete Farnesi. Immediatamente parte. Ao chegar ao castello da Riva degli Schiavoni, um grave ancião que o esperava, foi logo entrando no assumpto.

— Quando o marquez Farnesi morrêra deixára-o como tutor de sua filha, uma linda "bambolina" loura que se educára e crescêra em um internato inglês.

"Agora, ha um anno, regressára ao seu solar em Veneza.

"Nunca vira "ragazza" mais bella, mais intelligente e viva do que a sua pupilla Francesca. Pois bem, desde o primeiro baile a que comparecêra, mudára completamente o seu caracter: tornára-se triste e essa tristeza a levára á idéa de fazer-se religiosa.

CARNAVAL

«Alvo».

O grave senhor tudo fizera para evitar o eterno recolhimento de sua encantadora "bambolina". Obstinára-se em vão! — A pupilla persistia e se algum encanto a prendia ainda ás cousas terrenas era o seu lindo jardim de rosas brancas que tambem fôra o seu amôr desde menina, quando pedira ao marquez seu pae para o realizar. E' que aquellas rosas brancas pareciam ter sido feitas para engalanar o seu sonho de moça!

O advogado interrompeu o narrador... Era estranho!... a tristeza da marquezinha depois do baile de Carnaval... a historia das rosas brancas! Que coincidencia!...

Tambem elle, recebendo um dia de uma linda mascarada de olhos de ouro uma rosa branca, se enchera de amores por essa flor que lhe recordava aquella que trazia murcha em sua carteira.

Pedira para ver a fidalguinha. "Impossivel", — dissera-lhe o tutor. Francesca tornára-se de uma intransigencia demasiada e não queria ver ninguem... Foi quando lhe acudiu a idéa de enviar á marquezinha a rosa esmaecida que trazia comsigo como um "porte-bonheur"... O velho tutor, um tanto surpreso, desconfiado mesmo, obedeceu ao homem da lei que alli viera para receber as ordens da menina de Farnesi. Um testamento? *Chi lo sà?*

Chegando-se á pupilla, diz-lhe o velho: Francesca, retira as mãozinhas do rosto e não chores, agora... Está ahi embaixo um "gentilhiumo" que quer que reconheças esta flor, que embora secca, bem estranho, tem ainda perfume!...

Pallida, pallida como a corolla dessa flor macerada, estarrecida, segurando-a, contemplando-a, sente em sua alma o renascer de uma outra vida! Cinderella, ainda!...

E os seus lindos olhos brilham numa alegria dourada!

Está radiante, o velho tutor!

Francesca tem no rosto uma expressão indefinivel de felicidade! Emquanto oscula a rosa e quer rever o seu portador, o velho desce as escadarias brancas e trá-lo á varanda florida, onde Francesca, deixando a capellinha do castello, os fôra esperar.

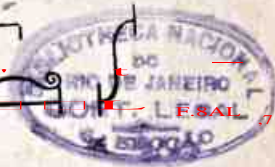
Em côro, os jovens, ao reverem-se, exclamam: "Mi conosci?"

A resposta foi essa: dois braços fortes que se abriram ternamente para estreitar nelles uma creatura fragil e confiante.

O tutor da joven de Farnesi, deixando-os, feliz por ver feliz aquelle lindo par, foi ter a uma janella do palacio que abria para o rubro poente!

E contemplando a palheta do Pintor dos pintores, que é o céo no jogo esquisito das côres do quadro do adeus do sol, dizia baixinho, recordando a hora feliz do seu passado.

— "Te conosco! Te conosco! Ti sei t'amorei"

TREPAÇÕES

MADAME está se submettendo a rigoroso *treinamento*, para acertar o passo e cahir no mundo onde a gente se diverte.

Ella pensa que não está sendo observada, mas, engana-se redondamente.

E' alli na avenida que ella espera o omnibus, pelo cahir da noite, até que o rapaz de branco appareça...

Quando elle apparece, tomam, juntos, o omnibus para o trajecto da praia até o Mourisco.

Ahi saltando, *madame* caminha até o começo de uma rua de Botafogo onde toma o bonde da linha X...

Por que essa cautéla não atinamos, pois elle espera o bonde no canto de outra rua e seguem novamente juntos, é verdade que como si fossem desconhecidos...

Bem se vê que *madame* é novata no brinquedo, ao passo que o rapaz alto, que tambem é casado, é conhecido como *pirata* perigoso.

O melhor é fazer as coisas ás escancaras, pois desperta menos curiosidade...

* * *

O nosso pandego armou a complicada historia de um negocio rendoso, e vae fazer uma pequena viagem justamente para aproveitar os dias de carnaval, quando a praça está paralizada.

A especie do negocio nós bem sabemos qual é, porém, *madame*, na sua santa ingenuidade, acreditou nas palavras do marido, e vae passar o carnaval fechada em casa, talvez ainda saudosa do viajante...

Entretanto, si *madame* quizer experimentar uma dolorosa surpresa, basta visitar um hotel lá para as bandas de uma praia *chic*, onde o seu maridinho está installado em muito bôa companhia.

E' o quartel general de um grupo carnavalesco, composto de bem casados, que adoram as esposas, mas, que não podem renunciar aos prazeres dos dias consagrados a Momo.

Os taes *viajantes* escondem-se das queridas esposas durante o carnaval e depois apparecem em casa, fatigados, cansados, e quasi sempre desanimados pelo fracasso dos negocios que tinham em perspectiva...

Viva a pandega!

* * *

MADAME vae festejar o carnaval com uma custosissima *fantasia*, cujo preço real está muito além do que apparecem na nota-recibo da entrega da mesma.

A differença de preço foi paga por fóra, em virtude de uma subtileza de *madame*, que deixou a costureira atonita.

«Odalisca» e «Rajah».

O processo usado não é novo, porem, *madame* era considerada, pela modista, como dama honesta, coberta de virtudes raras nos tempos que correm.

Um senhor de oculos foi quem *marchou* com a differença, o que, aliás, praticou de cara alegre, segundo informou o encarregado da cobrança momentos antes de ser entregue a fantasia confeccionada para *madame*.

O homem lá devia ter as suas razões para pagar de animo contente, — philosophou a modista, e nós estamos de perfeito accordo...

Madame vae desfructar os tres dias de carnaval, divertindo-se loucamente na companhia do marido.

O outro vae, certamente, tirar a forra, gozando o seu pedaço...

Os senhores moralistas é que não acham a vida engraçada, porem, ella é, de facto, divertida.

* * *

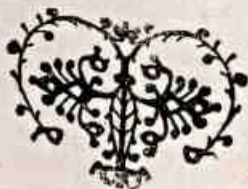
A linda morena, para satisfazer a um capricho, perdeu o noivo.

O rapaz não comprehendia o interesse de *mademoiselle* pelo baile á fantasia do elegante club do bairro, e tentou desvial-a do proposito de comparecer ao mesmo.

Ella não cedeu aos rogos do noivo e, para mais irrital-o, deixou transparecer que na realidade o baile a interessava.

Pura vaidade, ou melhor, gesto de mulher pouco intelligente, de que resultou o rompimento do noivado tão do gosto das familias amigas, ora estremecidas deante do procedimento leviano de *mademoiselle*.

Agora, a morena está arrependida, mas é tarde, porque o rapaz resolveu divertir-se ao lado de uma creatura muito interessante, tambem morena, esbelta, elegante...

O rapaz entendeu, e muito bem, que mordida de cobra se cura com o veneno de outra cobra, e era uma vez o noivado de uma menina caprichosa...

SORRINDO...

Na delegacia.

— O senhor declara — diz o commissario — que entrou no restaurante, para roubar, porque tinha fome, não é assim?

— Exactamente, senhor commissario.

— Como se explica, então, que haja roubado o dinheiro existente na caixa, em vez de roubar os alimentos?

— Senhor commissario, eu sou um homem honrado, e costumo pagar o que como!

*

— Resolvi romper meu noivado com André, porque meus sentimentos para com elle não são os mesmos de quando o acceitei.

— Então, por que conservas a *alliança* que trazes na mão direita?

— Porque meus sentimentos não mudaram nada em relação ao annel...

*

— Que barulho era esse ahi na sala? — pergunta a patrôa á criada.

E esta responde:

— Perdão, patrôa, mas era o leiteiro que queria beijar-me.

— E você se oppoz?

— Não, senhora: quem se oppoz foi o carteiro.

*

— Quanto durou teu *flirt* com Eugenio?...

— Muito pouco: duas ondulações permanentes.

*

— E' estranho que tua mãe consinta no teu casamento com Arthur, apesar da antipathia que devota a elle!

— E' que ella quer ser sua sogra.

*

— E diz você que foi um casamento por amor...?

— Sim. Elle se casou por amor ao dinheiro della.

*

Na alfaiataria.

— O terno está prompto. Mas o senhor só o levará quando me pagar o anterior.

— Mas eu não posso esperar tanto tempo...

*

— Seu pae ficou rico vendendo vinho?

— Sim, senhor. Ficou millionario.

— Com certeza punha agua no vinho.

— Pois não é verdade: o que elle punha era o vinho na agua...

*

— Si esse medico homeopathia não te cura, minha filha, o que devemos fazer é chamar um medico alopatha.

— Não, papae: o que me serve é um medico sympathico...

*

— Hontem, entrou um ladrão lá em casa.

— E roubou alguma cousa?

— Qual! nada! Minha mulher pensou que fosse eu que voltava tarde, e agora... o ladrão está no hospital...

*

— Senhor — diz o empregado, dirigindo-se ao chefe da casa — está aqui uma carta da firma Venancio & Venancio pedindo informações a respeito daquelle moço chamado Andrade, que trabalhou em nossos escriptorios. Que resposta dou?

— Responde-lhes que se trata de um individuo ladrão e atrevido, que tudo o que sabe aprendeu em nossa casa!...

*

O menino virou o saleiro, cujo conteúdo se derramou sobre a toalha limpa. E a mãe, zangada, disse ao filho:

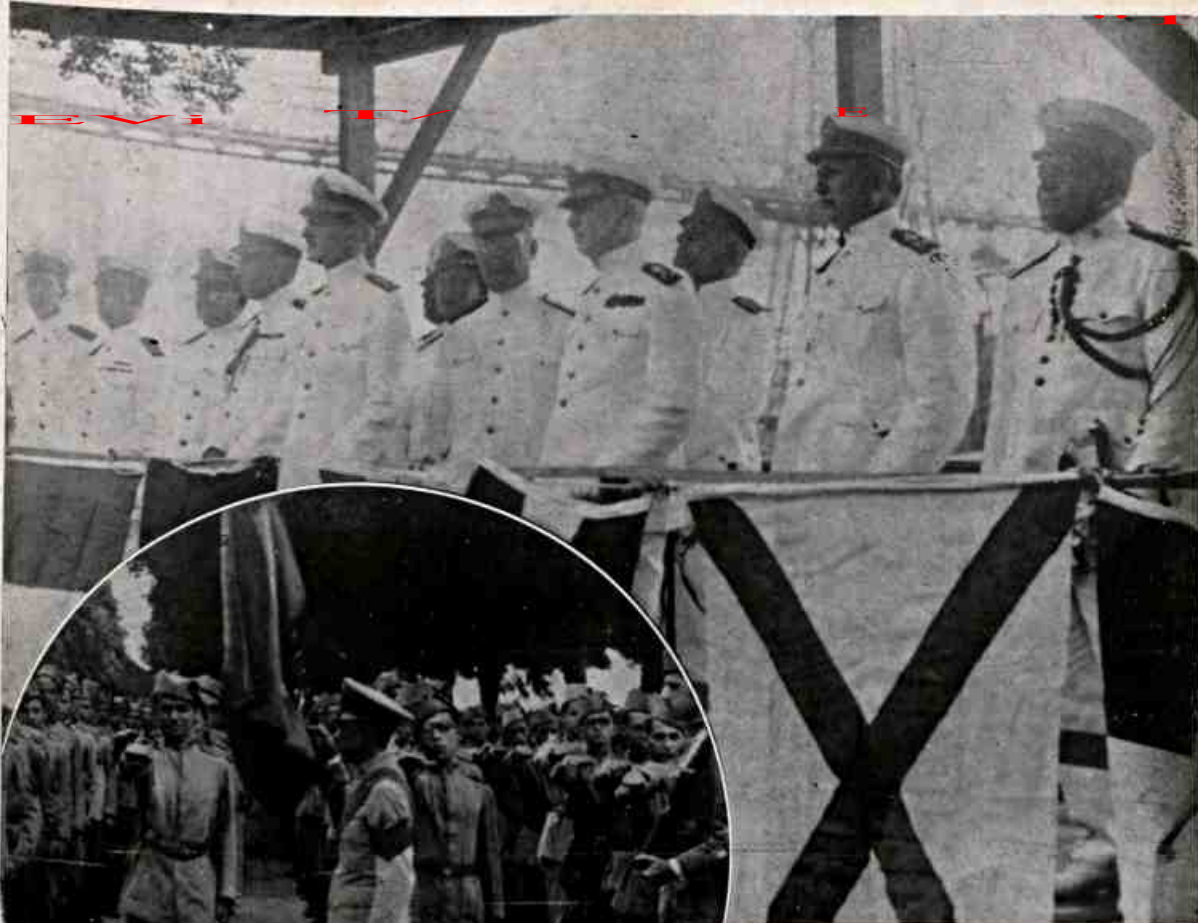
— Dez vezes já te disse que ficasses quieto, menino! O que eu devia fazer agora era obrigar-te a comer o sal que derramaste...

O menino reflectiu um minuto, e perguntou:

— E si eu virasse o assucareiro, mamãe?...

DISFARCE UTIL

— Por que arranjou você essa fantasia de Diógenes?

— Porque na rua onde móro não ha illuminação electrica, e assim eu posso andar com um pharol.

Na data da nossa Constituição, realizou-se o juramento á Bandeira dos novos reservistas navaes, em numero approximado de oitocentos. A cerimonia, que foi brilhante, realizou-se no pateo do Arsenal de Marinha, segunda-feira pela manhã, estando presentes, além do almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha, o representante do presidente da Republica e altas autoridades da Armada. São aspectos dessa solennidade civica o que fixam as nossas photographias.

A alma carnavalesca de Pola Negri já está a tilintar os guizos da sua alegria. E, pela sua alma, agitada pelos rythmos fortes, trepidantes e vertiginosos das fanfarras de Momo, a annunciarem, estridulas e festivas, o reinado da folia e da loucura, suppõe ella, erroneamente, poder julgar a alma dos outros ou, pelo menos, a que, angustiada e triste, palpita dentro de mim, neste sabbado de carnaval...

* * *

A vida é, porém, assim — feita de incomprehensões, cheia de incoherencias e sempre paradoxalmente surprehendente: Carnaval... um continuado carnaval, obrigado ao uso de mascara, de muitas mascaras mesmo, que se vae pondo á cara conforme as necessidades do momento.

* * *

EU, que estou triste, agora, profundamente triste, daqui a pouco vou mascarar-me de alegria e cahir na pandega, na fuzarca, na folia.

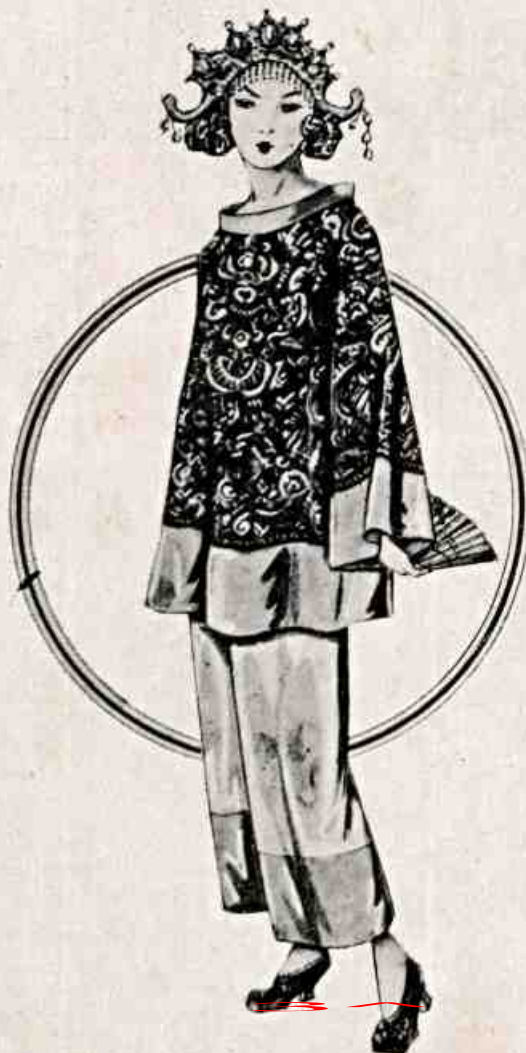
Pola Negri é, porém, mulher e, como toda mulher,

E' perigosa, tem veneno,
E mata a gente,
Dá nella, dá nella!...

Vejam só se não está rigorosamente incluida na "letra" do samba carnavalesco em moda — Dá nella, quem, em voz de falsete, depois do classico

— Você me conhece? me escreve nos termos que se seguem, julgando tão mal, e falsamente, a mim — um homem sério, austero mesmo, pacato e pacifico — e a meus collegas do FON-FON, todos elles de uma circumspecção *sans réproche*. Aqui entre nós, e muito á puridade, não sei se abra uma "excepçãosinha" para o...

— Cala-te, bocca!

* * *

"Max Linder, meu carissimo collega — Sabbado de Carnaval... E, eu, francamente, não confio na sua circumspecção moral neste dia de hoje... Desculpe... Não se zangue... Não se amofine... Mas, eu, sei, de fonte segura, que, você premedita horriveis proezas amorosas para esses quatro dias alegres. Você... Max Linder?... Você me conhece?... Estou a vel-o fantasiado de... de que?... Fantasiado de Cupido... A atirar settas envenenadas ás creaturas formosas que se atravessarem no seu caminho...

Terrivel e traiçoeiro, você, que é protegido pelas forças mysteriosas do Padre Cicero, ha de fazer muita mulher bonita chorar lagrimas ferventes neste Carnaval. Pobres dellas...

Alli, na redacção de FON-FON, ha um grupo de carnavalescos perigosos. O Gustavo, com a sua figura del hombre guapo, é a tentação maxima da terra de sol...

O Capistrano vale por todos os mares encapellados...

O Eleias é o terror das morenas ondulosas...

E o Bastos Portella vive no coração de todas as mulheres amorosas da terra...

Imagine você, Max Linder, que praga de gente perigosa...

Adeus. Até á hora do baile. Vá ao High-Life e procure lá encontrar as suas conhecidas que suspiram por você.

Quem sabe? Até póde você achar perdida naquelle turbilhão lampejante a sua collega — Pola Negri."

MAX LINDER.

CARNAVAL

Uma «Chineza».

VIDA DOS CAMPOS

INFORMES FORNECIDOS PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

COOPERATIVISMO NAS ESCOLAS

Ninguem, de bôa fé, poderá negar o successo das innumeras cooperativas existentes nos paizes da Europa e da America.

Entre nós, porém, poucas são as cooperativas que têm conseguido despertar interesse e obter successo. E a allegação attribuida, como causa primordial do insuccesso, é a falta de espirito associativo dos brasileiros.

Procurando ir ao encontro de ditas causas, o doutor Olavo Freire propoz, em reunião semanal desta Sociedade, que a Sociedade Rural procurasse entrar em entendimento com o sr. secretario do Interior do Estado de S. Paulo, para que, com a applicação de um programma previamente elaborado e approvado, sejam ministradas ás creanças dos innumeros estabelecimentos de ensino do Estado, noções, pequenas que sejam, sobre o cooperativismo applicado á vida pratica.

Desta fórma, conseguiremos que amanhã, quando sejam feitas novas tentativas de cooperativismo, os homens não se queixem, como nós hoje, da falta de conhecimento sobre os magnificos resultados que essa fórma de defesa economica collectiva proporciona. As sementes que plantarmos hoje hão de fructificar amanhã, collaborando para o enriquecimento do paiz e para o bem estar dos seus habitantes.

Procurae, brasileiros, que essa iniciativa seja imitada em todos os Estados do Brasil! A União faz a Força!

DOENÇAS DOS PORCOS

Symptomas e tratamentos.

Proseguimos, hoje, as nossas referencias sobre molestias porcinas.

Molestias e causas.

INFLAMAÇÃO DO UTERO — E' causada pela má assistencia no parto, retenção de fectos ou decomposição dos mesmos.

Symptomas.

Depressão, falta de apetite. Vomitos mal-cheirosos, vulva inchada e debilidade muscular.

Tratamento.

Obrigar as porcas gravidas a exercicios. Evitar a alimentação excessiva, proporcionar parideiros limpos e seccos. Evitar a infecção do utero por desgarramento dos tecidos ao assistir os partos.

INDIGESTÃO — Desordem digestiva, causada por alimentação inadequada.

Symptomas.

Falta de apettite, febre ligeira, constipação ou diarrhéa, além de flancos fundos.

Tratamento.

E' necessario mudar por completo a alimentação. Dar-lhes durante alguns dias alimentos liquidos; além de sopa, uma colher de sal laxante para cada 50 kilos de peso vivo.

LOMBRIGAS INTESTINAES — Muitas variedades de lombrigas são encontradas nos intestinos, sendo a mais commum a chamada "Ascaris suis".

Symptomas.

Diminuição do peso, reseccamento da pelle, orelhas caidas, fraqueza geral, febre e falta de desenvolvimento, são os symptomas geraes.

Tratamento.

Manter o animal em jejum durante 12 horas e depois ministrar-lhe medicamento a base de oleo de "quenopodium".

LOMBRIGAS PULMONARES — Estas lombrigas são avermelhadas, filiformes, e medem 1/2 a 1 pollegada de comprimento, alojando-se nos bronchios. Geralmente são infestados só os leitões.

Symptomas.

Tosse violenta, segregação nasal, symptomas eguaes aos da pneumonia, a qual se desenvolve a miude nos animaes atacados por estes parasitas.

Tratamento.

Não existe tratamento effectivo que tenda a prevenir esta infecção nos leitões. Desde que estes parasitas se incubam dos ovos expelidos pelas lombrigas albergadas nos leitões infectados, a medida preventiva consiste em separar os leitões menores dos maiores. Inhalações de chloroformio.

Bellissimo exemplar da raça «Caracú», que figurou, com enorme exito, na ultima Exposição de Animaes, realizada na capital do Estado de S. Paulo, em maio de 1929.

PARALISIA — Perda do controle nervoso sobre os musculos. As causas são a miude desconhecidas. Attribue-se especialmente á falta de vitaminas na alimentação. (Avitaminosis).

Symptomas.

Nos machos o ataque é gradual e o andar cambaleante. Nas femeas apparece repentinamente e ficam privadas de movimentos seus membros posteriores.

Tratamento.

A alimentação póde ser uma causa da molestia, os leitões em crescimento não devem ser alimentados exclusivamente com milho. Como nenhum tratamento dá bons resultados, recommenda-se sacrificar os animaes em melhor condição, com a maior brevidade possivel.

PROTECÇÃO AOS IRRACIONAES

Mãe! Livra teu filho do monstro da crueldade; procura cultivar, desta maneira, suas mais elevadas qualidades, para que faças delle um ser moral, compassivo e bom, que será a unica maneira de fazel-o feliz.

VIDA DOS CAMPOS

(CONCLUSÃO)

A crueldade é um distinctivo de barbarie. O adeantamento moral do mundo póde-se medir pela maoir bondade e menor crueldade com que trata aos irracionaes. Tratal-os com piedade!
(Do Banco de Piedad, de Cuba).

* * *

Consultando, a sós, nossa consciencia, notaremos que ella é accessivel á bondade. O coração tem thesouros inexgottaveis e a maldade não sóe ser senão fructo da falta de exercicio ou o desconhecimento desses thesouros. Os irracionaes nos brindam todos os dias opportunidade para as mais bellas qualidades de espirito.

* * *

As creanças de hoje são os homens de amanhã, que terão em suas mãos os destinos do povo. Educal-os na bondade e nos sentimentos altruistas é contribuir para o progresso de nossas instituições futuras e para a elevação moral da especie.

* * *

Sintamos horror deante do castigo dos animaes; quem pratica necessita educar-se no bem; mas, quem o observa sem indignar-se não está seguramente em uma escala moral superior. A responsabilidade existe, tanto em fazer, como em deixar fazer.

* * *

Ha seculos, grandes figuras da historia fizeram ouvir a sua voz em favor dos sêres indefesos ante a astucia e o poder do homem.

Devemos demonstrar que temos progredido espiritualmente, desde então, constituindo-nos em dicididos e contasntes defensores dos irracionaes.

Nossa magnanimidade para com os que chamamos genericamente animaes, é precisamente o que distingue a grande elevação moral da humanidade dentro do concerto da vida universal.

* * *

As sociedades protectoras de animaes cumprem uma alta missão espiritual que merece o apoio de todos, autoridades e povo. E' preciso destruir a idéa de que são corporações de ideologistas absurdos e intransigentes; nellas ha lugar para todos; nivelam-se as pessoas modestas aos talentos mais claros, pois os codigos da bondade e protecção aos fracos synthetizam principios de verdadeira democracia.

* * *

Desejando dirigir consultar ao Departamento de Informações da Sociedade Rural Brasileira, recorta o coupon abaixo e remetta-o junto com a sua consulta, discriminando quanto possivel e dando os maiores esclarecimentos.

Temos recebido coupns isoladamente, sem que possamos, comtudo, dar qualquer providencia ou informe ao interessado, pela falta de esclarecimentos dos remettentes.

FON-FON

"*Vida dos Campos*"

Nome ....

Endereço ....

A

Sociedade Rural Brasileira
Rua Libero Badaró, 45
São Paulo

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

DE AMOR SE VIVE, DE AMOR SE MORRE

DA ?

Cinema CAPITOLIO — Mau vicio este o de não se indicar a proveniencia industrial das pelliculas. Isto as salvará? Não nos parece. Esta é européa e foi confeccionada em studios germanicos. Conhece-se, drama pungente, drama doloroso, que emociona e empolga. Não obstante o emaranhado da acção, a sequencia é notavel Para o publico que adora este genero de trabalhos emocionantes, a pellicula é interessante e representa um trabalho de valor, não só quanto ao argumento, como quanto á interpretação, direcção e parte technica. Suzy Vernon é uma artista de admiraveis qualidades, não só pela sua belleza, como pelo seu poder interpretativo. A parte technica é boa. Dia a dia os studios europeus se vem impondo ao gosto publico.

Cotação — BOM

LEIS DO CORAÇÃO

DA PATHÉ NATAN

Cinema IMPERIO — Mais um filme de ambiente theatral. E' um nunca acabar. Todos sabemos que nas regiões filmescas, da norte america ha essa mania da imitação. Quando um filme de determinado ambiente produz successo, logo vem um rosario de producções batendo a mesma tecla. Este é banalissimo. Deixa o publico frio. Uma intriguinha de bastidores não chega para dar impulso a um enredo, por melhor que seja a sua interpretação. Ha cousas a que um artista, por mais talento que tenha, não consegue dar vida. Certo, o enredo dá margem a umas scenas caracteristicas de bastidores. Isso, porem, não basta. Em conclusão: Deus nos livre de vir cousas destas na temporada invernal que ahi vem.

Cotação — SOFFRIVEL

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

CILADA AMOROSA

DA UNIVERSAL

Cinema PATHÉ PALACE — Um bom filme. sob qualquer ponto de vista que se considere. Achamos até que é pena lançal-o n'esta altura, com o escasso publico que procura os nossos salões cinematographicos. Bom enredo, melhor interpretação, e uma acertada e valiosa direcção. que se salienta, principalmente, na movimentação das *massas* de extras. Laura La Plante é a artista que se impõe sempre pela sua arte discreta, pela solidariedade da sua acção, que não impede que ella nos emocione. Bom filme, que agradou sobremaneira.

Cotação — BOM

O GRANDE SUCCESSO

DA F. B. O.

Cinema PALACIO — E' mais um trabalho filmado n'um ambiente de bastidores. Ultimamente, parece que os scenaristas, desanimados de encontrar themas entre o resto da vida, se voltaram principalmente para a vida artistica, em busca de emoções mais fortes. D'ahi a fadiga do publico que não aprecia o darem-lhe sempre, o mesmo prato. *O grande successo* é positivamente uma banalidade. Uma banalidade para o verão. Tambem, na verdade, os europeus não merecem censuras, por isso que n'estes tempos de ausencia de publico não vale a pena gastar muita polvora. O trabalho é mediocre como argumento, como interpretação e como realisação. Tem situações em que chega a sêr... tôlo, a parte technica é apreciavel, mas tal circumstancia não salva uma pellicula.

Cotação — SOFFRIVEL

Historia de uma paixão...

Por EDUARDO MARTINELLI

A poesia da Noite. A tristeza da Terra. A symphonia do Mar.

Dois Sêres que se procuram. Dois labios ardentes que se querem.

Dois olhares que se cruzam: Um Affecto... Um Bem... Uma Emoção! A Vida!

. . . .

— E's tú "Pierrot"?

— Sim. Vim esquecer-te.

— Junto ao Mar, ouvindo as ondas? Na relva humida, sorvendo o orvalho?

— Não. Certamente que não. "Rememorar... *volver los ojos al Oriente lejano, cada dia más remoto, con una ausencia de calajés y de estrellas; nada hay mas triste que un cielo vacio...*" Recordar!... Reviver!... Relembrar!... E tú?

— Vim amar-te. Recordar o Céu; a poesia lyrica das estrellas e o lyrismo que as noites vernaes possuem. Reviver os teus olhos languidos, cheiosinhos de amôr. A tua tez bronzeada, tostada pelas areias quentes. A poesia infinita do teu sêr em festa...

Relembrar o Passado. O nosso Passado. Tudo que se foi e não mais voltará...

— Mas...

— Mas... "*Amor que no se da a la Muerte no es Amor*"... Libemos o Amôr. Riamos da Vida. Da Sociedade. Do Mundo. Celebremos o triumpho supremo de todas as paixões humanas...

Salve "Pierrot"!...

. . . .

A poesia da Noite. A tristeza da Terra. A symphonia do Mar.

Dois Sêres que se procuram. Dois labios ardentes que se querem. Dois olhares que se cruzam: Um Affecto... Um Bem... Uma Emoção: A Vida!...

Grande e original sorteio em beneficio da
"CASA DOS ARTISTAS"

(Modelar e unica Instituição de protecção da Classe Theatral, fundada no Brasil.)

Extracção no dia 12 de Março de 1930

(Devidamente autorisado e fiscalisado pelo Governo Federal, de accordo com o Despacho n. 33069 de 11|8|929, publicado no Diario Official

Extraordinario sorteio para construcção do seu hospital modelo no Rio de Janeiro e que servirá para recolher tanto os profissionaes de theatro como todas as pessoas pobres que lhes solicitarem soccorro

RELAÇÃO DOS PREMIOS

Premio	Valor
1.º Premio: — Um bungalow a ser construido em terreno proprio, com salas de visita e de jantar; dois dormitorios; copa; cozinha e banheiro; todos os commodos mobiliados, roupas, louças e guarnições para cama, mesa e cozinha; fogão e aquecedor a gaz, caixa para lavagem de roupa, installações electricas e sanitarias e dispensa completa para um casal calculada pelo prazo de um anno, tudo no valor de	100:000$000
2.º Premio: — Um automovel «baratinha» «Chrysler», nova, no valor de	18:000$000
3.º Premio: — Um automovel novo, marca a escolher, no valor de....	10:000$000
4.º Premio: — Uma «baratinha» ou auto Chevrolet, no valor de......	8:000$000
5.º Premio: — Uma «baratinha» Ford, nova, ultimo typo, no valor de....	7:600$000
6.º Premio: — Dormitorio e refeitorio completos, em madeira de lei, typos modernos, no valor de....	5:000$000
7.º Premio: — Um optimo piano novo, no valor de........	4:500$000
8.º Premio: — Mercadorias a escolher até o valor de..........	3:000$000
9.º Premio: — Uma elegante Victrola ortophonica da afamada marca «Victor», no valor de.......	2:500$000
10.º Premio: — Um riquissimo pendantif para senhora, em platina e com brilhantes, no valor de..	2:000$000
11.º Premio: — Mercadorias a escolher até o valor de........	2:000$000
12.º Premio: — Um lindissimo relogio de ouro 18 linhas para homem ou um dito pulseira de platina para senhora, no valor de	1:000$000
1.000 Premios: — 1.000 relogios de nickel, finissimos, correspondentes aos 3 ultimos algarismos do primeiro premio, no valor de...	36:500$000

1012 GRANDES PREMIOS NO VALOR DE 200:000$000

BRINDES GRATIS — ou optima commissão a todas as pessoas que quizerem nos auxiliar nesta Cruzada do Bem. Essas bonificações são além dos premios distribuidos pelo Sorteio.

Todo aquelle que adquirir certa quantidade de bilhetes, de accordo com a relação abaixo, para serem distribuidos entre terceiros, receberá gratuitamente e livre de qualquer despeza:

Tres exemplares, sendo um de cada, dos maravilhosos livros: "Espirito Alheio", "Histrião" e "Musa Vermelha", as ultimas novidades em litteratura sã e moderna;

Uma optima caneta-tinteiro com penna de ouro 14 kits., ou um finissimo estojo para barba ou unha, para 20 bilhetes;

Uma duzia de finissimas chicaras de porcellana para cha ou café, ou uma bellissima bolsa para senhora, para 30 bilhetes;

Um excellente relogio de nickel para bolso ou um dito pulseira para senhora, para 40 bilhetes;

Um relogio de nickel da afamada marca "Omega" ou um elegante despertador com repetição ou musica para 50 bilhetes;

Dez discos a escolher, para victrola, ou um finissimo guarda-chuva de seda para homem ou senhora, para 100 bilhetes;

Uma bellissima "Victrola-Portatil" ou um relogio "Omega" folheado a ouro para homem ou senhora, para 150 bilhetes;

Um rico apparelho de louça estrangeira para jantar ou uma das melhores machinas photographicas portatil com 1/2 duzia de films, para 200 bilhetes;

Uma "Victrola-Ortophonica" portatil, marca "Victor" ou um anel de ouro com brilhantes para senhora, para 300 bilhetes;

Um relogio de ouro 18 kits. garantido ou um anel de ouro com brilhante para homem, artigo fino, para 400 bilhetes;

Tres finissimos apparelhos em combinação, para jantar, chá e café, ou um relogio de ouro garantido da marca "Omega", com a respectiva corrente, ou ainda uma "Victrola-Ortophonica", portatil, da marca "Victor", acompanhada de 20 discos a escolher, para 500 bilhetes;

Um relogio de ouro da inegualavel marca "Pateck-Philipp", 18 linhas, garantido, ou uma machina de escrever completamente nova, para 1.000 bilhetes;

Uma baratinha ou automovel FORD ou CHEVROLET, novo, a ser retirado na agencia local ou remettido desta Capital, para 5.000 bilhetes.

CADA BILHETE CUSTA APENAS 5$000

200:000$000 em ricos premios!.. 1.012 grandes, uteis e valiosos premios!...

O maior e mais original sorteio organisado até hoje!

Todos e quaesquer pedidos ou informações, deverão ser feitos ao Escriptorio Central no Rio de Janeiro Av. Gomes Freire, 114, terreo, séde da Casa dos Artistas, ou na Succursal em S. Paulo, á Rua Libero Badaró n.º 17 — 3.º andar — sala, 25.

POVERO FIORI (Capital) — Não pude interpretar ainda o symbolismo do presente de anniversario que me offereceu: um lindo pacote, contendo um enxoval de bébé, em tom cor de ouro. (Sempre o amarello berrante!)

Toquinha de lã, sapatinhos, camisinhas de seda e de flanella e uma chupeta. Tudo muito fino, muito chic e perfumado. Um cartão com estas palavras: "Al bambino di mio cuore — Povero Fiori".

Sem duvida é um mimo caro. Terá a sua significação. Mas qual será? Em nada elle me aproveita. Mas me dá ensejo de ser util a algum recem-nascido pobre — e ha tantos por ahi! — sob o bello nome de "Povero Fiori."

Uma "blague" de moça bonita e elegante vae concorrer para que duas pessoas possam ser uteis a um infeliz recem-nascido que, sem ella, nunca pudesse vestir um enxoval de tanto gosto e tanto luxo — rescendendo o fino perfume das suas mãos delicadas...

MARIA J. (E. do Rio) — Agradeço os termos da linda carta que me dirigiu, apresentado-me felicitações pelo meu anniversario.

V. Ex. é modesta. Escreve bem e diz: "Para esta sua amiguinha do sertão — você bem o sabe — quão difficil se torna exprimir os grandes pensamentos de belleza!"

Ora, só essa reflexão devota o bello e interessante espirito de V. Ex.

Só os espiritos superiores são capazes de comprehender como é difficil traduzir os grandes pensamentos de belleza.

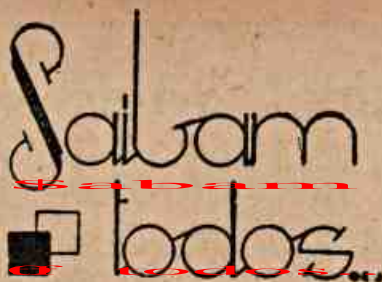
V. Ex. me dá parabens pelo meu anniversario; e eu a felicito pelo lindo espirito que possúe.

DIANORA (Suissa) — Como V. Ex. dahi desse bello paiz de lagos romanticos e de montanhas azues, não esqueceu esta secção, embora para lhe pedir um estudo de graphologia, vou attender o seu pedido.

Antes, porém, quero dar aqui a sua carta, como prova do interesse que manifesta em conhecer o seu caracter através da letra.

"Montreux 14 de Janeiro de 1930. Caro Yves. Venho pedir-te o favor de estudar a minha lettra e peço-te dizer-me francamente tudo o que n'ella ha de bom ou de máo.

Embora muito longe do tão querido Rio de Janeiro, continúo á ser assidua leitora do *Fon-Fon* e interesso-me particularmente pela secção do Saibam Todos, assim foi que pensei obter este favor, pois tenho muita vontade de saber o que pode revelar a indiscreção de uma lettra.

Continuando á abusar da tua paciencia desejo fazer-te uma pergunta. Qual o sentimento mais

forte: a vingança ou a indifferença?

Ficar-te-ia tão grata Yves, se me respondesses á esta pergunta!

Não te impressiones com o meu verdadeiro nome, e espero bem que elle em nada vá influenciar para o estado da minha lettra, pois senão Yves você ficaria pensando que eu realmente sou muito ruim, mas o nome que me deram na pia baptismal tem sido o causador de muita gente pensar de mim o que eu não sou.

Peço-te responderes, usando o pseudonymo de *Dianóra*. Muito grata".

Muito bem. A sua graphia revela um temperamento sceptico, material, despido de idealismo. E' uma creatura simples, melancolica, embora um pouco violenta e insolita. O seu raciocinio triumpha sobre o coração. Quer dizer, não é possivel fazel-a amar alguem, desde que a isso a sua razão se opponha. Pensa mais do que sente. E' uma creatura sem encantos para a vida do amor. Prepotente, sabe fazer valer a sua vontade. Curioso é que, apezar de sceptica, tem a preoccupação de vencer e collocar o seu nome em evidencia. Luta para isso.

E' reservada e usuraria. Na sua alma não ha sentimentos de prodigalidades.

Quanto á pergunta que me faz, sobre a vingança e a indifferença, devo dizer que esta já é uma forma de vingança. E talvez a maior das vinganças. Quem realisa um acto de crueldade contra outrem, pode vingar-se, mas não despreza. A indifferença é vingança e desprezo.

LIMAS (S. Paulo) — O seu soneto não pode ser publicado.

J. DAMIÃO R. (?) — Aqui está a sua carta, onde o sr. me pede a publicação do seu conto...

"Sr. Yves, Affectuosas saudações. Venho pedir-vos a amabilidade de dar publicidade a este meu pequeno conto — "Solidão", em vosso applaudido jornal — O "Fon-Fon" — se por ventura estiver de accordo as vossas justas exigencias.

Desde já, confesso-me muito agradecido. J. Damião R."

Agora vejamos a *belleza* que o sr. chama conto (*Sic*):

SOLIDÃO

E' imperturbavel esta solidão... Não ha ciciar de brisas perfumadas, não ha gorgeios de travessos passarinhos, nem o bulir de uma cutia na folhagem secca da matta virgem. Unicamente se desprende vagarosamente das raizes do serro um fio fraquissimo de agua clara e doce, onde ás vezes, aves foragidas e medrosas, sem arrulhar sequer, exhaustas de fadiga e bebados de sêde, vêm surrateiramente saciar o desejo organico que os devora! A monotonia desta debil fonte não quebra a solidão em que eternamente repousa a matta cruzada de cipós, entrelaçada de arvores que se juntam umas ás outras, como se se abraçassem aconchegadamente; — dir-se-ia o abraço silencioso da floresta. Viver com a Natureza é viver mais proximo de Deus, — longe das phantasias hypocritas e doudejantes da vida da cidade. A vida aqui é mais pura; em cada aresta que a vista descobre, ha uma nascente de poesia, por que tudo encanta, seduz e extasia o coração solitario do poeta, — pois a floresta é uma "musa selvagem", porém, possúe mais doces carmes e mais amenos threnos do que a musa da cidade!...

J. Damião R. Rio-Bonito.

Que Nossa Senhora dos Escriptores lhe dê muito juizo... E lhe perdôe o crime de escrever babuzeiras, querendo começar por onde outros terminam...

CORONEL ESTÁ CHEGANDO A HORA (Capital) — Ah, coronel o sr. não me escapa! Eu pre-sava mesmo, nesse carnaval, de en-contrar alguém que representasse a tolice humana...

O sr., com a sua carta e a sua collaboração, está fantasiado a caracter...

Vamos a sua missiva. Eil-a com todos os elogios que me faz:

"Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Doutor Yves, preclaro e mui D. D. dirigente de "Saibam Todos" da conceituada e fulgurante revista "Fon-Fon". Saude e Fraternidade. Escutae: Vós, que sois uma das mais altissonantes vozes da litteratura patria; vós que sabeis evocar maravilhosamente todos os assumptos grandiloquos e elevados, o que nos é assás perceptivel, através dos vossos livros e dos vossos contos saturados de fulgor e de altiloquencia raros, contendo algo de ironia e de lhaneza nos sentimentos; vós que se nos afigura sempre, porém, um espirito, indiscutivelmente modesto, através das paginas da secção de "Fon-Fon" por vós tão sabiamente dirigida; vós que nos revela de chofre um sabio, naturalmente não agradar-vos-a a visita importuna de

Leiam todas as quartas-feiras

NOSTRADAMUS

Romance historico de Michel Zevaco

um aprendiz d'arte de "fabricar" versos! Mas... talvez, por isso, Vossa Mercê, ao findar a leitura desta carta, tereis um gesto incontido de ira, e, vociferando contra mim, (desculpe Vossa Magnificencia, quero dizer: contra eu) atiral-a-eis á cesta n'um impeto: porque achareis que o que o escrevo é producto de um cerebro e de uma alma pobres de espirito...

Porem, seja o que fôr o meu cerebro envia a Vossencia uma producção de minha auctoria para que Vossa Excellencia analyse-a.

Doutor Yves: com a devida venia, peço a Vossa Senhoria para fazer-vos uma asserção que é o seguinte: eu vos disse tudo sinceramente, pagae-me pois com a mesma moeda.

Se Vossa dignidade achar digna de vossa augusta approvação a minha collaboração, peço com o devido perdão, dignae a publical-a na vossa revista. (no papel "couché" é melhor).

Alimento, porem, sobejas esperanças, de que a minha pobre collaboração alcançará a graça de Vossencia; sendo assim quererei ver noutra pagina a mesma.

Despede-se aguardando resposta de Vossa Senhoria o Cro. Obro. Admor. Amo. Colla. Patrco. Agro.

Capital da Republica: XVII-II-XXX Post-Scriptum: peço responder-me pelo "Saibam Todos" com o pseudonymo de: "Coronel Está chegando a hora" o mesmo.

Aquelle "escutae" do começo é delicioso. O "Saúde e fraternidade" é outra maravilha... Emfim, o sr. no carnaval... literario desta pagina, ha de fazer um successo.

Passando da carta ao soneto podemos ver esta *obra prima*:

"A minha collaboração se compõe de 1 soneto. Ahi vae elle se merecer publicação, podei assim, publical-o: com o pseudonymo abaixo: *Tormenta*.

Eis, que ao longe, no horizonte [apparecem
Negras nuvens que, celeres co- [brindo
Vão, num apice, o ceu. Desap- [parecem.
O sol e a luz... tudo vae se su- [mindo...

Estruge o trovão! vento e chuva [crescem.
Abalando as arvores, que fremindo,
São suas folhas, ao ceu, sem que [cessem
Arrastadas em turbilhões su- [bindo!...

Terra e ceu, parecem se confundir
Numa confusão de raio a luzir,
Diluvio a cair, trovão a estron- [dar!...

Vento a soprar, levando de vencida
E contra a natureza enraivecida

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Poeira, telhados e roupas pelo ar... Coronel Está Chegando a Hora. Rio: XVIII-II-XXX.

CLAUDIA PATRICIA (E. do Rio) — Agradeço-lhe, sensibilisado, a sua carta de parabens pelo meu anniversario.

PAPILLON (?) — Sou-lhe muito grato pela lembrança que teve de me enviar aquelles portaes de propaganda commercial de Sorocaba. Mas devo dizer-lhe: não sou funccionario do Ministerio da Agricultura e muito menos commerciante...

NINA ROSA (E. do Rio) — Nunca ouvi falar nesse livro. Nem sei si elle existe.

SANTAC (?) — Penhorado agradeço as felicitações que me dirige pelo meu natalicio.

MYRTÔ (Capital) — Não posso fazer a sua graphologia. Não vale a pena.

SOMBRA (Capital) — Muito obrigado pelo telegramma que me enviou, no dia do meu natalicio, a 15 do corrente.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

—————*****—————

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

—————*****—————

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone 2-4136

FON-FON — 1-3-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

MARIA JOÃO (S. Paulo) — A sua carta é essencialmente literaria; e como é dirigida ao encarregado desta secção, segue-se que deve ser divulgada, porque aos leitores, mais do que a mim ella interessa. Portanto, aqui vae a sua missiva:

"Yves. Você, num retrospecto de lembranças caras, não se recorda de ter visto, uma vez na vida, por uma tarde meio nublada, em que o vento raivoso põe fremitos na folhagem, um rancho de crianças barulhentas e alegres, de mãos dadas, a cantar "a moda da Carranquinha" e a "Ciranda", em roda de um canteiro grande?... E do lado de fóra as mãozinhas seguras na grade do jardim, uma outra criança triste, a contemplar essa alegria, com os olhos muito parados, muitos sombrios?...

Cá, deste meu cantinho, tenho acompanhado a belleza e o enthusiasmo, que reinam nesse ambiente distante e feliz do "*Saibam todos*". Vejo-o com as demais collaboradoras dessa secção, rostos prazenteiros, de mãos dadas...

"Ella põe o joelho em terra. Toda a gente fica pasmada".

E eu, Yves, sou essa criança (grande), que está na grade do jardim, do lado de fóra. Tenho a voz desafinada e rouca, mas gosto tanto de cantar...

Maria João.

O TANUTROFF (S. Paulo) — O seu conto *Enigma* não serve para o *Fon-Fon*.

E' verdade: então o sr. começa a sua carta — dizendo: "Incluzo á esta, V. S. incontrarrá 1 copia de uma historiazinha" etc?

Pelo dedo se conhece o gigante...

CONSCIENCIA (Pernambuco) — A' distincta conterranea agradeço, penhorado, o cabogramma que me enviou, por occasião do meu anniversario.

MARIA CLAUDIA (S. Paulo) — Obrigado. O seu telegramma de felicitações pelo meu anniversario é uma lembrança muito carinhosa e significativa para mim. Continúo a espera da sua visita.

CYRINO VAZ (S. Paulo) — Não me recordo do seu conto. Si o recebi, com certeza entreguei-o ao secretario, e elle aguarda espaço.

Não pense o sr. que seja muito facil encontrar as portas da imprensa abertas ás nossas pretenções.

Eu, que tenho feito tanto obsequio a tanta gente ingrata, e egoista, nunca pude contar com a bôa vontade dos collegas. E o sr. sempre tem tido bom acolhimento nesta pagina.

E' por isso que estranha um retardamento de nada...

NA CIDADE
NA FAZENDA
NO SERTÃO

Tanto no trabalho como em descanso; em passeios como nos desportos; ha muitos perigos por falta de cuidados. Qualquer ferimento, estrepada, golpe, picada venenosa, contusão, póde causar doenças graves, a invalidez, a morte.

Contra esses perigos e contra doenças da pelle, mesmo antigas, frieiras, empigens, eczemas, acido urico, etc., sómente DERMOL tem effeitos seguros, immediatos.

Uso pratico e economico.

Toda a gente que se preza usa e tem DERMOL sempre á mão.

Até as creanças, quando se machucam, pedem DERMOL ás mamãs.

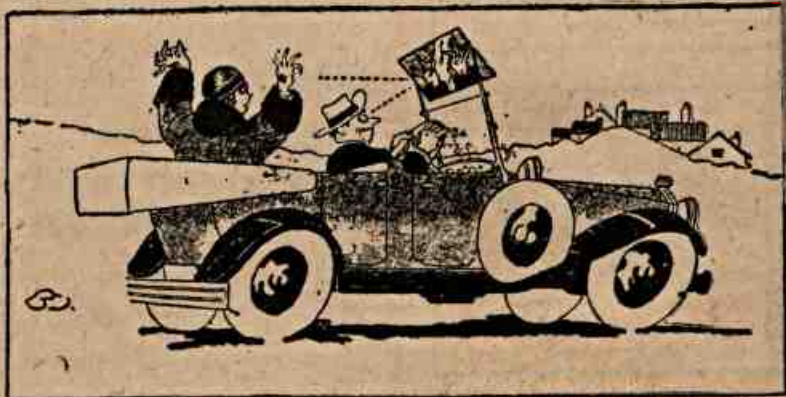
Compre hoje, ou escreva: Caixa 618, Dr. DERMOL, Rio de Janeiro.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

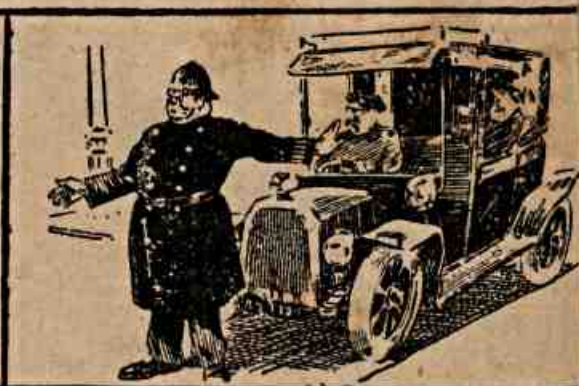
ESPIRITO ALHEIO

— Aonde vae você assim, com tanta pressa?
— Acabamos de comer camarões envenenados, e minha sogra está passando mal.
— Ah! Vaes, então, buscar o medico, não é verdade?
— Qual nada! Vou buscar mais camarões.

— Vejo um menino mão que está açoitando um asno e o impeço de continuar a martyrizar o pobre animal. Como se chama essa boa acção?
— Fraternidade, senhor professor.

— Pódes citar-me outro animal que tenha chifres como o rhinoceronte e seja perigoso como esse pachiderme?
— Sim, senhor: o automovel.

O calvario do homem que se casou com uma mulher muda...

FALTA DE SEGURANÇA

— Por que quer que lhe pague adeantado? Pensa porventura que lhe não vou trazer o cavallo?
— Não é isso, senhor; é que não tenho certeza si o cavallo traz o senhor, de volta...

— Escute, seu guarda: si deseja que lhe leia o futuro na mão, faça ao menos o favor de tirar a luva...

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE
DEPURATIVO
REGULADOR
APPERITIVO
DIGESTIVO
TONICO

—

CONVEM A TODOS OS ENFRAQUECIDOS

—

SOCIÉTÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: Hors Concours. A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE
CONTRA
A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES
AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

UM ROMPIMENTO

(Conclusão)

—É muito saudavel, além de tudo, disse ella. Mas engulia depressa, como se cumprisse uma sentença, ou como se tomasse um remedio.

Isso durou um mez. Aglaé sentia que se apaziguavam os seus soffrimentos, mas Adelaide, cada vez mais, julgava os fornecedores deshonestos, a virtude impossivel e o mundo ás avessas.

Sente estranhos desejos; parecia-lhe que um rato lhe saltava no estomago; a saliva jorrava-lhe das parotidas quando via, no taboleiro das casas, os grandes pacotes de manteiga, os gordurosos queijos, o toucinho trabalhado por um engenhoso merceeiro.

Seu estomago perfeito, reclamava outra coisa, que não as papas descoradas e o leite azulado. E' presa bruscamente de um desejo irresistivel de coisas gordas e fortes. Aspira com delicia — e recrimina-se como de um peccado —, o cheiro do cozido que sahe pela porta do vizinho. O cãozinho recebe um ponta-pé.

Ella luta, entretanto, não se deixará dominar pelos appetites materiaes!

Ai d'ella! A natureza é mais forte! E, de resto, a amiga de nada saberá!... Ás escondidas, ella põe na sopa um pequeno pedaço de manteiga — oh, pequenino, e apenas um pouquinho de sal! E emquanto jantam em *tête á tête*, ella falla, falla para atordoar-se e distrahir a companheira; felizmente Aglaé nada percebe.

Adelaide continuou... Mas, forçou a dose, sem duvida, pois certo dia, em que o talharim perfumava a mesa, Aglaé, com a mão no estomago, gritou com ar tragico de envenenada:

— Que pôz você n'essa comida?

Precipitou-se para a cozinha em direcção ao aparador de faia, ingenuo e branco...

Um pedaço de manteiga lá estava... luzidio, inerte e terrivel...

Adelaide teve as pernas molles...

Não podia negar e sentiu, então, formidavel, que a sua traição a esmagava. Preferiu confessar, de uma vez, o crime, o remorso e as lagrimas.

— Perdão, perdão, já não podia!

— Oh! — gritou Aglaé em tom de queixa, com os olhos cheios de uma censura muda.

E accrescentou em voz baixa e olhos revirados:

— Queria a minha morte! Pois bem...

E, acotovelando-se com as cadeiras, empurrando a mesa, fugiu para o quarto e rrac, rrac, fechou-se a quatro chaves.

Ninguem imagina o que ha de tragico no ruido d'uma fechadura que se fecha.

Adelaide collocou-se junto á porta, bateu, chamou, supplicou; nada!; o trinco era inviolavel...! Ella levantou-se machinalmente, depois, por força de habito, poz-se a arranjar a comida.

Ainda não se apercebêra que a amizade entre as duas, collocada acima de todos os interesses terrestres, acabava de ruir com um pouco de manteiga n'um prato de talharim. Ai d'ella!

Quando ella voltou á noite, Aglaé não estava em casa. Em compensação, estavam reunidos sobre a mesa da cozinha todos os objectos que ella havia trazido, as gloriosas caçarolas com o seu brilho rutilante, os *bibelots* e — ironia, — o resto da manteiga n'um pires.

Ella transportou para casa esses vestigios d'uma amizade recente e tornou a collocal-os minuciosamente em seus leitos antigos.

Quando acabou a operação, sentiu que era tempo de dar largas ao seu desgosto. Evocou com todas as forças da imaginação os grandes desesperos litterarios e as mais bellas palavras de dôr achadas pelos poetas...

Mas esse esforço não surtiu o effeito esperado. E emquanto passeiava o olhar pelo apartamento abandonado, ficou surpresa de se aperceber que tudo que era ella propria, lembranças, habitos, gostos, simples manias, voltava sem esforços aos seus lugares, entre os objectos familiares, aquelles *bibelots*, aquelles aparadores e aquelles moveis. Uma entidade que havia desapparecido ha tanto tempo voltava a viver. Saboreou por uns instantes a liberdade, admirada e um tanto medrosa, esquecendo as lagrimas.

Então, desceu depressa á casa de fructas e ao açougue. Atirou-se como doida ás sardinhas, á manteiga e ao caldo, cujo perfume subiu dentro em pouco á cozinha, como a fumaça d'um sacrificio depois d'uma victoria.

Carnaval Antigo

De Carauta de Souza

PASSANDO hontem por uma das nossas perfumarias, vi em exposição diversos vidros de "Agua Florida" e lembrei-me um pouco do Carnaval antigo. Elles eram elementos indispensaveis aos folguedos de antanho.

Passam-se os annos e o progresso mudou tudo, modernizando-nos completamente o carnaval.

No tempo em que a rua do Ouvidor não soffria a transversia da Avenida Rio Branco e que ficava completamente intransitavel durante os dias de loucura, cheia de povo que desembocava das estreitas ruas de Uruguayana e Ourives, era debaixo dos seus arcos de illuminarias a gaz que se travavam renhidas batalhas de confetti.

Já lá vão 30 annos!... Faziam então furor as bisnagas e os revolvers de borracha, cheios de agua perfumada com "Agua Florida". As moças enfeitavam os cabellos enchendo-os de confettis dourados e vinham para as ruas com sacolas de setim cheias de confettis de papel.

O chic era uma bisnaga como as que se usam hoje com pasta para dentes, cheias de perfumes mais ou menos agradaveis e que custavam 3 e 4 mil réis a duzia.

As creanças fantasiavam-se de diabinhos, morcegos e palhacinhos.

Os homens casados, mettidos em dominós, alguns cheios de lantejoulas e arminho, lá iam com suas amantes aos bailes do Apollo, dos Tenentes, dos Demonios da Noite e outros.

Era tambem commum as familias festejarem Momo com esplendorosos bailes á fantasia.

Formidaveis "Zé Pereira" cruzavam as ruas num rufar ensurdecedor de tremer vidraças. A frente desses cordões iam abrindo passagem molecões beiçudos, fantasiados de indios, carregando immensos trophéus de papelão, e esfregando-se no chão, imitando danças indigenas.

E os carões de velho? Faziam fugir a creançada.

Muita vez fui convidado pelo Pinto Gomes, uma casa de flores artificiaes da Rua Uruguayana, para assistir á entrega de corôas a diversos cordões que iam, de porta em porta, por todo o commercio carnavalesco do centro, cumprimentar esses estabelecimentos.

A policia chegou a instituir "a mão" para evitar que essas sociedades se cruzassem. Quando isso acontecia beijavam-se anciosamente pelos estandartes, quando não promoviam fortes desordens.

Fui presidente da Sociedade Carnavalesca "Filhos do Sol", porem a senhoria despejou-nos a rêde, uma sala de frente na antiga Rua do Sabão, (já então Rua General Camara), por falta de pagamento dos alugueis.

Poucas moças se fantasiavam e, mettidas nos seus vestidos engommados, lá iam nos carros para o corso da Praia de Botafogo.

Consumiam-se saccos e saccos de confettis, que formavam um espesso tapete, abafando o ruido das rodas dos carros sobre o parallelepipedo das ruas.

As serpentinas eram jogadas de sobrado para sobrado e a cidade ficava verdadeiramente festiva.

Já lá vão tantos annos...

Hoje, o progresso modificou tudo; a Avenida é pequena para o corso e os hoteis e clubs são poucos para o povo que dansa.

Do carnaval antigo só restam os prestitos da Terça-feira Gorda e os nomes das tres grandes sociedades.

Como no Carnaval de Nice, grupos de mascarados dançavam e cantavam pelas ruas.

— *Olha a casaca do homem!*

E os *trotes!* ninguem se livrava dos *trotes!* E ficavamos a matutar, procurando conhecer a pessoa que nos descobrira os *podres.*

A Prefeitura era prodiga; mandava accender os arcos da Rua da Alfandega, Ouvidor Rosario, Uruguayana etc. e tambem a fachada dos edificios publicos.

Era uma festa semi-official.

Os mascaras iam ás redacções cumprimentar os jornaes.

As bahianas faziam um dinheirão com as cocadas, os cús-cús, e os pés de moleque.

Havia critica e humorismo bastante.

Eu me fantasiava de palhaço: um palhaço muito sem graça...

Já lá vão tantos annos!

Hoje é tudo tão differente!

E eu tenho saudades desse tempo.

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

54

RUA DA CARIOCA

ALFAIATARIA
GUANABARA

REPARAR o QUADRO
NA VITRINE
COM O N. — 54 —

TEU E' O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negócios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO DA DITA»

Remette 500 rs. em sellos para resposta.

Direcção—Profa. NILA MARA—Calle Matheu 1024—Buenos Aires (Argentina)

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 26-6-1917.

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, *Pharmaceutico*
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

Agente Geral: A. de COURNAND
87, R. dos Ourives, Rio de Janeiro.

A venda em todas as pharmacias.

DESAFOGO DUMA ALMA

A' sombra dum mamoeiro,
Abriguei-me, cautelosa,
Com um pudico caixeiro,
Por quem suspiro queixosa.

Numa tarde de verão,
Ha muitos annos atraz...
— Tu queres comer mamão?
— Quero, responde o rapaz.

Depois de muitos agrados,
Que elle fruio mudo e quedo,
De Cupido os bons bocados
Eu quiz alcançar a medo...

Um passa-tempo propuz:
— Queres commigo jogar?
— Quero. Mas é noite. E luz?
— Vou meu jogo te explicar:

— Corres, eu corro, te pego
E ganho uns beijos, tu queres?
Córa e diz-me: — "Te arrenego"!
Eu não jógo com mulheres.

LEOPOLDO D. AMARAL

MIRAGEM

Loucura... seducção... eu contemplava,
Buscando a decantada fantasia,
Que ao longe, encantadora, se occultava,
E ás vezes, muito perto, apparecia!

———

Teu amor — era o céo que eu desejava,
N'um delirio de crença, que extasia!
A flôr do teu sorriso me encantava...
O sól dos teus olhares me aquecia!

———

Alvorada bemdita... meu destino
Já transformado em luz domidora,
Talisman deste amor acrisolado!

———

E eu, que era infatigavel peregrino,
Me curvei á miragem seductora,
Assim... sedento de paixão... cançado!

MESSIAS TAVARES

EL-REI MOMO

Culmina em riso e graça a velha majestade,
El-rei Momo — immortal deus pagão da Folia!
Enchem, turbilhonando, as ruas da cidade
Silenos cortezãos de Baccho, á plena orgia!

Desfruta-se o prazer na immensa liberdade
Que decérra, de um gesto, o véu á hypocrisia...
Nem gestos hystriões, lembrando a mocidade,
Deixam de erguer a taça á Troça em rebeldia!

Triduo que desafoga a alma do povo triste
Por tanto dissabor colhido um anno inteiro,
Para essa alma el-rei Momo é o maior bem que existe...

Que nunca mais partisse o pandego! E, isto posto,
Certo o povo não mais seria o prisioneiro
Da máscara social que traz chumbada ao rosto.

ISIDRO NUNES

UMA OPINIÃO UNANIMA
ácerca das

HEMORRHOIDAS

POMADA e SUPPOSITORIOS Adreno-Estypticos
MIDY

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO